

UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE

CENTRO DE EDUCAÇÃO E SAÚDE

UNIDADE ACADÊMICA DE SAÚDE

CURSO DE BACHARELADO EM NUTRIÇÃO

DAYSIO SIDNEY ALVES MARTINS

NUTRICIONISTA DE CINEMA: percepções, vivências e aprendizados proporcionados pela extensão.

Cuité - PB

2018

DAYSIO SIDNEY ALVES MARTINS

NUTRICIONISTA DE CINEMA: percepções, vivências e aprendizado proporcionados pela extensão.

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado a Unidade Acadêmica de Saúde da Universidade Federal de Campina Grande, como requisito obrigatório para obtenção de título de Bacharel em Nutrição.

Orientador (a): Prof. Msc. Vanille Valério Barbosa Pessoa Cardoso.

Cuité - PB

2018

DAYSIO SIDNEY ALVES MARTINS

NUTRICIONISTA DE CINEMA: percepções, vivências e aprendizado proporcionados pela extensão.

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado a Unidade Acadêmica de Saúde da Universidade Federal de Campina Grande, como requisito obrigatório para obtenção de título de Bacharel em Nutrição.

Orientador (a): Prof. Msc. Vanille V. Barbosa Pessoa Cardoso.

Aprovado em: ___/___/___

BANCA EXAMINADORA

Prof^ª. Msc. Vanille Valério Barbosa Pessoa Cardoso
Universidade Federal de Campina Grande
Orientadora

Prof^ª. Dr^º Ramilton Marinho Costa
Universidade Federal de Campina Grande
Examinador

Msc. Aldeir Sabino dos Santos
Universidade Federal da Paraíba
Examinador

Cuité - PB

2018

DEDICATÓRIA

A Tio Tonho, Bida , Ícaro e Painho (In memorian)

“Desejando que, de alguma forma, vocês estivessem aqui novamente, desejando que, de alguma forma, vocês estivessem perto. Algumas vezes parecia que, se eu apenas sonhasse, vocês estariam aqui.”(O fantasma da ópera).

AGRADECIMENTOS

A Deus, pelo dom da vida.

À minha mãe, por todo o incansável incentivo e suporte aos meus estudos em especial durante a minha graduação.

A toda minha família, por todo o suporte e apoio.

A Danny, pelo amor, companheirismo e dedicação.

A Yago, amigo pra todas as horas e que me ajudou em momento importante ao me emprestar o notebook para terminar essa pesquisa.

Aos amigos (as) que a universidade me deu, em especial aqueles que conviveram comigo sob o mesmo teto e assim ter compartilhado momentos de conversas e cumplicidade, em especial Arlan, Pedro e Nattan.

A todos os amigos (as), de alguma forma, passaram pela minha vida na minha graduação, em especial aqueles que permanecem e que as vivências foram marcantes: Tamyres, Delmiro, Maria Teresa, Giuliane Lins, e todos os integrantes do projeto CineCidadania, em especial, minha orientadora Vanille Pessoa por todo o aprendizado, experiências e inspiração.

À Universidade Federal de Campina Grande, Coordenação de Aperfeiçoamento do Ensino Superior (CAPES) e ao Governo Federal Brasileiro, na pessoa de Dilma Roussef, primeira presidenta brasileira eleita democraticamente, por ter me proporcionado a experiência e investimentos de um intercâmbio através do programa Ciências Sem Fronteiras.

A todos os professores e professoras, técnicos e servidores do Centro de Educação e Saúde (CES) que de alguma forma me auxiliaram para obtenção do grau superior de ensino.

À cidade e população de Cuité, por ter sido minha própria casa durante todo esse tempo e por participar ativamente das minhas vivências e entendimentos enquanto universitário e para os participantes que me receberam para essa pesquisa.

Aos participantes da banca examinadora, Aldeir Sabino e Professor Ramilton Marinho pelo aceite em participar do meu estudo.

São um pouco dessas participações que certamente vão deixar saudades na vida universitária e que marcaram minhas memórias.

Gratidão

“A compreensão do outro requer a consciência da complexidade humana [...] O cinema, ao favorecer o pleno uso de nossa subjetividade pela projeção e pela identificação, faz-nos simpatizar e compreender os que nos seriam estranhos ou antipáticos em tempos normais.” (Edgar Morin).

"Ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua própria produção ou a sua construção." (Paulo Freire).

MARTINS, D. S. A. **NUTRICIONISTA DE CINEMA: percepções, vivências e aprendizado proporcionados pela extensão.** 2018. 64f. Trabalho de conclusão de curso (Graduação em Nutrição) – Universidade Federal de Campina Grande, Cuité, 2018.

RESUMO

Introdução: No Brasil, o cinema vem obtendo adeptos nos cineclubes universitários, que são espaços onde os discentes e docentes se reúnem para assistir e dialogar através de filmes relacionados ou não com seus cursos, mas que proporcione aprendizado social e cultural aos participantes. Destaca-se entre tais iniciativas o projeto de extensão universitária CineCidadania, que amplia as possibilidades de aprendizado e diálogo para além do espaço acadêmico ao proporcionar, na forma de cineclubes itinerantes, exhibições de filmes seguidas de debate nas comunidades de Cuité. **Objetivo:** Problematizar a utilização do cinema na formação do nutricionista como um recurso pedagógico da extensão, através da vivência do pesquisador, e para avaliar a importância e percepção dos sujeitos referentes ao projeto. **Metodologia:** Trata-se de uma pesquisa qualitativa pelo método da pesquisa-ação cujos atores do estudo são o próprio pesquisador e os expectadores e debatedores do CineCidadania. A coleta de dados utilizada foram as técnicas de diário de campo e a técnica de entrevista para aplicação do questionário semiestruturado para o estudo referente ao cine itinerante. Para a análise de dados foi utilizado análise descritiva e análise de conteúdo para as respostas do questionário semi-estruturado. **Resultado:** O estudo apresenta, através de estudos bibliográficos, vivências e transformações pessoais do pesquisador na extensão, a importância do projeto de extensão para o diálogo entre universidade-comunidade e para a formação interdisciplinar de universitários ao promover o debate em temas centrais de interesse da sociedade brasileira além de expor as opiniões dos participantes acerca do projeto. **Conclusão:** Assim, ressaltam-se as funções dialógica, transformadora e educacional do projeto ao criar espaços de socialização intermediados pelo cinema e finalizando com os debates entre participantes que ampliam as bases democráticas das universidades públicas brasileiras.

Palavras-chave: Cinema. Educação. Extensão Popular.

ABSTRACT

Introduction: In Brazil, the cinema has obtained adepts in universities cineclubs, which are spaces where teachers and students unite to watch and to debate, through movies relate or not with their degrees, but that provide social and cultural learning to the participants. Between these initiatives, the university extension project CineCidadania stands out, this amplifies the dialogue and learning possibilities besides the university space once that it proposes, in the form of itinerant cineclubs, movies exhibitions followed by community debates in the city of Curitiba. **Objective:** To discuss the cinema utilization in the nutritionist formation as a pedagogic resource, through researcher vivencies, and to evaluate the importance and perception of subjects to the Project. **Methodology:** It is a qualitative research through action research method whose study actors were the researcher himself and the participants and debaters of CineCidadania itinerant project. The data collection used was camp field journal and interview technique for the semistructured questionnaires application to the study which refers to cine itinerant. Descriptive analysis was used for the data analysis and content analysis to analyze the semistructured questionnaires. **Results:** This study presents, through bibliographic studies, personal changings and researcher experiences in the university extension, the importance of the extension project to the university-community dialogue and to the interdisciplinary formation of students once that it promotes the debate concerning central issues from the interest of Brazilian society besides to expose the participants opinion regarding the project. **Conclusion:** In light of this, it emphasized the dialogic, changing and educational functions of the project due to the creation of socialization spaces through cinema and concluding with participants debates that increase the democratic fundamentals of Brazilian public universities.

Keywords : Cinema. Education. Popular extension.

SUMÁRIO

SINOPSE

1.INTRODUÇÃO	11
2. OBJETIVOS	13
2.1. OBJETIVOS GERAIS	13
2.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS	13
3. REFERENCIAL TEÓRICO	14
3.1 O CINEMA ENQUANTO FERRAMENTA EDUCACIONAL	14
3.2 A EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA	15
3.3 A FORMAÇÃO DO NUTRICIONISTA	18
4. ROTEIRO METODOLÓGICO	21
4.1 TIPO DA PESQUISA	21
4.2 ATORES DA PESQUISA	22
4.3 COLETA DE DADOS	22
4.4 ANÁLISE DOS DADOS	23
4.5 ASPECTOS ÉTICOS	23
5. RESULTADOS E DISCUSSÃO	24
CENA 1: TRANSFORMAÇÕES PESSOAIS E SOCIAIS	24
CENA 2: EXTENSÃO E CINEMA : INFLUÊNCIA NA FORMAÇÃO	28
CENA 3: O CINE ITINERANTE	32
CENA 3.1: O ÂMBITO FORMADOR E DIALÓGICO DO CINE ITINERANTE	34
CENA 3.2: A IMPORTÂNCIA DO CINE ITINERANTE PARA A COMUNIDADE E UNIVERSIDADE	38
6. CENA FINAL	42

7. CRÉDITOS FINAIS	44
APÊNDICE	
APÊNDICE I.....	49
APÊNDICE II.....	51
APÊNDICE III.....	55

SINOPSE

“O cinema não tem fronteiras nem limites. É um fluxo constante de sonho.” Orson Welles.

Difícil lembrar quando minha paixão por cinema floresceu. Talvez porque meus irmãos sempre assistiam alguns blockbusters das antigas locadoras de VHS ou porque eu ouvia, da minha irmã que ela tinha ficado até tarde assistindo tal filme comigo nos braços. O fato é que, anos mais tarde, lembro-me de me gabar quando ouvia dos amigos que tinha uma versão gravada de "Matrix" que já tinha visto mais de 10 vezes. Eu sequer entendia qualquer uma das milhares referências do filme de ficção científica, mas, me lembro de que ele foi considerado revolucionário para a época por ter efeitos visuais únicos, lembro também de ter assistido ao Oscar daquele ano (acho que meu primeiro) e ter ficado com raiva porque outro filme tinha levado mais estatuetas.

Aqui, eu farei um pulo temporal maior que a sequência inicial do filme 2001 de Stanley Kubrick, indo dos primórdios da humanidade para o futuro da exploração espacial e vou direto para o projeto universitário "CineCidadania", na que sou membro desde 2015. Afinal, este estudo é um relato de minhas incontáveis experiências no projeto. Pautarei as questões de identificação inicial e ao longo do curso no estudo corrente, para não me estender nesse relato basta dizer que eu entrei em um projeto para exibir filmes e debater após cada sessão sobre os temas centrais. Pensei ser apenas esta a finalidade do projeto e para agregar experiências acadêmicas para o currículo e me enganei completamente. Eu subestimei a capacidade do projeto o qual é intermediado pelo cinema em transformar-me. Demorei a entender que os filmes exibidos eram apenas meio de chegar e compreender um pouco a realidade das pessoas e como um exercício de empatia e de crescimento maior ainda para os extensionistas. Tal distanciamento afetava meu relacionamento interpessoal com membros do projeto bem como, agravava ainda mais minha relação de não identificação com o curso que me levava a ficar preso nas minhas convicções e preconceitos até o ponto de exaltar e exacerbar péssimas atitudes para com o projeto e seus membros. Há um problema grave quando se é graduando de um curso da área da saúde com forte enfoque educacional e não sabe dialogar, ouvir ou se colocar como dono da verdade com as pessoas.

A boa notícia é que não precisei fazer uma viagem ao tempo para melhorar tais aspectos. Nos filmes, não é comum ter um mestre que te oriente e reconheça seus méritos e falhas. Assim aconteceu na minha vivência enquanto “extensionista CineCidadania” e que

discorrerei ao longo do estudo. O clímax desse longa chamado vida chegou e tenho anseio de transformação diária, de compreender meu lugar no mundo e de ser tolerante e sensível com as pessoas antes de subirem os créditos finais. O filósofo e sociólogo francês Edgar Morin afirma que enquanto não nos importamos com o mendigo nas ruas da cidade, nos emocionamos com o personagem de Charles Chaplin. É incoerente nos emocionarmos com o que se é projetado na tela escura e não fora dela. Também não é simples nos sensibilizarmos com as diversas realidades sociais que fazem os roteiros e atores reais da vida continuar sob qualquer circunstância. Na tela vemos outros mundos, histórias, pessoas, mágicas e fora dela, algo totalmente diferente, mas que sempre tem a capacidade de se fazer envolver, se emocionar, se revoltar, se alegrar.

Por fim, que possamos refletir e tentar, todos os dias, termos a mesma empatia por vidas, condições e lutas humanas quanto temos por personagens e situações dos nossos filmes mais queridos. Aqui encerro minha sinopse agradecendo a todos os membros do CineCidadania que em nossas exibições repletas de diversão, alguns atrasos, perrengues para toda a equipe, mas que no fim, como diretores de planos de ação diferentes sempre se empenharam para trazer o melhor e aproximar o mundo da arte do cinema para a vida da comunidade e a minha mestra, amiga, e orientadora desse trabalho, mas, para, além disso, uma pessoa que marcou minha vivência acadêmica ao reproduzir o aprendizado dos grandes mestres dela para este jovem aprendiz.

1 INTRODUÇÃO

Em 2018 comemoraram-se os 123 anos da exibição dos irmãos Louis e Auguste Lumière no Salon Inden do Grand-Café de Paris que marca como sendo a primeira exibição pública de cinema, e por consequência, o marco do nascimento dessa arte. Apesar de ser do conhecimento que os irmãos Max e Emile Sladanowsky na Alemanha e Jean Acme Leroy nos Estados Unidos já promoviam projeções públicas de cinema (inclusive sessões pagas) muito antes dos primeiros espectadores dos Lumière contemplarem a chegada do trem na estação de La Ciotat, não se pode negar o valor simbólico que a exibição Lumière tem (COSTA, 2005). O cinema conta com artifícios tecnológicos, visuais e narrativos com o objetivo de captar sua audiência. Tais artifícios compõem uma linguagem específica da arte cinematográfica; tal linguagem proveniente da articulação de códigos e elementos distintos fez com que o meio cinematográfico alcançasse infinitas possibilidades de produzir significados dependendo da maneira de combinações entre luz e sombra, velocidade da câmera, captura dos espaços, ângulos de filmagem e da sequência temporal como os planos são organizados na montagem. (DUARTE, 2002).

Ao contrário da linguagem escrita que a compreensão preconiza o domínio de código e estruturas gramaticais convencionadas, a linguagem cinematográfica é de acesso amplo e não necessita ser ensinada. Grandes partes das pessoas aprendem a ver filmes pela experiência, isto é, assistindo e conversando sobre eles com outros sujeitos (DUARTE,2002). Os personagens e as histórias vividas, por mais ficcionais que sejam, atraem a empatia do telespectador que muitas vezes se reconhece em situações e contextos dentro dos ambientados na tela.

O cinema dá a impressão de que é a própria vida que vemos na tela, brigas verdadeiras, amores verdadeiros. Mesmo quando se trata de algo que não sabemos ser verdade, como o Pica-pau Amarelo ou O Mágico de Oz, ou um filme de ficção científica como 2001 ou contatos imediatos do Terceiro Grau, a imagem cinematográfica permite-nos assistir a essas fantasias como se fosse verdadeira; ela confere realidade a essas fantasias. (BERNADET,1980, p.13).

No cinema distingue-se o *cinema arte*, voltado para filmes autorais e exibições em festivais conhecidos mundo afora, como o festival de Cannes e o *cinema de massas*. Sendo o último criticado por seu viés mercadológico, no entanto, a maior parcela da população que assiste

filmes tem mais acesso a essas produções visto que, são maioria nas salas de cinema, canais de televisão, DVD's e nas recentes plataformas de streaming. Os filmes voltados para as massas devem ser estudados enquanto ferramenta de formulação de discursos fáticos, porém também ricos dentro de sua capacidade, ele comunica e onde existe comunicação, há transmissão de informações, conceitos e visões de mundo (COURA, 2009).

No Brasil, o cinema vem obtendo adeptos nos cineclubes universitários, que são espaços onde os discentes e docentes se reúnem para exhibir, assistir e dialogar através de filmes relacionados ou não com seus cursos, mas que proporcione aprendizado social ou cultural aos participantes. A prática de cineclubes cria ambientes coletivos de socialização e diálogo através dos filmes exibidos e assim apresentando-se como uma prática educativa. (FERNANDES, 2015). Dentre os objetivos, além de propiciar lazer e cultura no espaço universitário, esses projetos também procuram compreender a sociedade global e seus problemas por meio da produção cinematográfica.

A utilização do cinema como ferramenta pedagógica pauta-se no fato maior que ao assistir a filmes, as experiências culturais interagem na produção de saberes, identidades, crenças e visões de mundo. Assim, não se pode negar que a relação estabelecida entre sujeitos-filmes tem cunho profundamente educacional. O mundo do cinema é um espaço de privilégio de construção de relações de “sociabilidade” (DUARTE, 2002).

Destaca-se entre tais iniciativas o projeto de extensão universitária CineCidadania, vinculado ao Núcleo de Pesquisa e Extensão em Nutrição e Saúde Coletiva (PENSO), que amplia as possibilidades de aprendizado e diálogo para além do espaço acadêmico ao proporcionar, na forma de cineclubes itinerantes, exibições de filmes seguidas de debate nas comunidades de Cuité, município de pequeno porte com cerca de 19 mil habitantes, localizado no Curimataú paraibano, onde situa-se o Centro de Educação e Saúde (CES) sendo este um campus de expansão da Universidade Federal de Campina Grande (UFCG).

Este trabalho utilizou o espaço de exibição e diálogo do projeto CineCidadania para problematizar o cinema e a extensão enquanto ferramentas reflexivas e construtoras de conhecimento em cidadania, bem como, ampliadora de visão de mundo, através da vivência do pesquisador, e para avaliar a importância e percepção dos sujeitos referentes ao espaço de exibição de filmes seguidos de diálogo.

2 OBJETIVOS

2.1. OBJETIVO GERAL

- Problematizar a utilização do cinema na formação do nutricionista como um recurso pedagógico da extensão.

2.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- Discorrer sobre a influência de um projeto de extensão envolvendo cinema na formação de um futuro nutricionista;
- Relacionar a participação na extensão com as transformações pessoais ocorridas durante a graduação;
- Relacionar a participação na extensão com o desenvolvimento de habilidades necessárias ao fazer do nutricionista;
- Avaliar o projeto CineCidadania em seu formato itinerante sob a ótica do público participante.

3 REFERENCIAL TEÓRICO

3.1 O CINEMA ENQUANTO FERRAMENTA EDUCACIONAL

A literatura mostra diversas experiências em variados níveis de ensino que o cinema é utilizado como ferramenta pedagógica, passando pelo fundamental, médio, superior e ensino profissional bem como, em atividades de extensão, e em diversos espaços acadêmicos que necessitam que interdisciplinaridade, ética e humanização façam parte da formação de saúde (XAVIER et al.,2011). Educação através do cinema é englobada pelo termo “cineeducação”, que se refere ao uso de sequências ou filmes inteiros para auxiliar no treinamento de estudantes de ciências da saúde no sentido de abranger o indivíduo em sua totalidade, considerando o complexo estado biopsico-social-espiritual. (MEMBRIVES; ISERN; MATHEU, 2016). Dada sua característica psicopedagógicas, o consumo do cinema pode oferecer um profundo exercício de alteridade que está ao alcance de crianças e jovens. O filme exerce desse modo o papel de denominador comum daquelas audiências juvenis e assim, nivela-se pelo mesmo interesse no espetáculo e no poder que a imagem tem de tornar instantaneamente compreensíveis noções que as palavras nem sempre transmitem com fidelidade. (OLIVEIRA, 2006).

No contexto das universidades brasileiras, o cinema protagoniza projetos de exibição e debates com os acadêmicos, comunidades, docentes. Por meio dele tenta-se entender melhor problemáticas socioeconômicas, ambientais, comportamentais e culturais da sociedade brasileira e do mundo e assim, aproxima a universidade da comunidade uma vez que esta relação por mais que historicamente já seja institucionalizada nas universidades públicas consta com falhas de implementação e atuação. Logo, no contexto dos cineclubes universitários a faceta educacional do cinema é almejada e construída de forma didática, bem como, também é mantida a relação com a comunidade através do cinema, uma vez que tais projetos trazem cultura e lazer acessível para as populações. Trata-se de um exercício semiconsciente de projeção/identificação/diferenciação oferecido nas histórias, personagens, sentimentos e ações nos filmes. (FRANCO, 2010). Assim, ao fazer parte da dinâmica vida cultural da população, o consumo frequente de filmes e sendo assim, participação em cineclubes atua na formação de valores éticos, estéticos, de perspectivas de mundo e gostos e logo, portam uma face educacional. (FERNANDES; DALETHESE, 2015).

O cinema vem, através da história, sendo identificado como uma arte em tese, passando a ser uma das mais contundentes expressões culturais que conquistou adeptos e transformou-se numa instância vigorosa, que traz representações de gêneros, étnicas sexuais e de classe, demonstrando amplitude das práticas sociais. (GALVÃO NETO, 2005). O cinema significa também, além de uma expressão artística da modernidade, um meio extraordinário de circulação e conhecimento, de difusão de novas experiências e valores culturais. Não somente documentários e ficções científicas exprimem os conhecimentos desejados e alcançados, mas também dramas e comédias mostram a penetração da ciência em nossa cultura (OLIVEIRA, 2006).

Logo, como prática pedagógica, o filme abre o espaço para interação entre espectadores sendo profundamente educativa. Tal possibilidade educacional torna o ser social como um produto de conjunto de interações sejam de caráter familiar, escolar, religioso, vivências de grupos de trabalhos, ações pedagógicas entre outros. O espaço do cinema e sua pedagogia ao apropriar-se da linguagem audiovisual inaugura um novo entendimento que a atribui a imagem uma função pedagógica, facilitadora da aprendizagem e da interação de desiguais em favor dos interesses comuns. (GALVÃO NETO, 2005).

3.2 A EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA

Surgida no século XX na Inglaterra com o intuito de moldar novos caminhos para a sociedade da época através da promoção de educação continuada, a extensão universitária surge hoje como ferramenta a ser usada pela universidade para efetivar o compromisso social. (RODRIGUES et al., 2013).

Numa perspectiva cronológica pode-se considerar a evolução da extensão universitária brasileira a partir de três grandes etapas: I) a anterior a 1964, cuja característica marcante foram pela campanha pela Escola Pública e pela aproximação com o movimento das Reformas de Base, a partir de obra e de prática de Paulo Freire; II) a 1964 a 1985, dividida pela emergência e demandas dos movimentos sociais urbanos; III) a terceira etapa corresponde ao período pós-ditadura e se caracteriza pela emergência de três grandes novos elencos de demandas: 1) as decorrentes do avanço dos movimentos sociais urbanos e rurais; 2) as que expressam a emergência de novos sujeitos e direitos, que ampliaram o conceito de cidadania; 3) as demandas do setor produtivo nos campos da tecnologia e da prestação de

serviços. (PAULA, 2013).

Dentre alguma das muitas concepções de extensão universitária aplicadas atualmente, pode-se definir como uma atividade advinda da universidade para a comunidade e assim, ela almeja compartilhar o progresso científico e tecnológico com a sociedade. Logo, ela pode ser dita como uma espécie de ponte permanente entre a universidade e diversos setores da sociedade. A extensão universitária é uma forma de interação que deve acontecer entre universidade e comunidade e por meio de projetos sociais, a universidade difunde seu conhecimento e disponibiliza seus serviços, com responsabilidade social e com sua missão, que é a melhoria da qualidade de vida da sociedade. (NUNES; SILVA, 2011)

Criado em 1987, o Fórum de Pró-Reitores da Extensão das Universidades Públicas Brasileiras (FORPROEX) foi decisivo na construção da política de extensão que vigora hoje, seja no referente à conceptualização da extensão universitária, seja na construção de instrumentos de avaliação e acompanhamento de ações de extensão, seja na efetiva institucionalização da extensão como dimensão indescartável da atuação universitária; seja como principal interlocutor na definição das políticas públicas de fomento à extensão. (PAULA, 2013). Portanto, define-se como extensão universitária, sob o princípio constitucional da dissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão trata-se de um processo interdisciplinar, educativo, cultural e político que promove a interação transformadora entre universidade e outros setores da sociedade. (FORPROEX, 2012).

Dentre os desafios das atividades de extensão universitária é o próprio fato desta ter o objetivo de refletir sobre as condições e as realidades sócio-culturais-econômicas da sociedade, uma vez que ela se insere num país que sofre, historicamente, com graves problemas e disparidades sociais e econômicas em todo seu continental território. A extensão está relacionada ao processo de integração das instituições de ensino superior a contextos regionais, do ensino e pesquisa às necessidades da sociedade, da contribuição da universidade para o fortalecimento da cidadania. (CARBONARI; PEREIRA, 2007).

Portanto, se a extensão universitária é um processo educativo, cultural e científico que viabiliza a relação entre universidade e sociedade, a universidade pública enquanto um espaço de criação e recriação de conhecimento deve ser acima de tudo pública e, para tanto, a transformação social deve extrapolar os muros acadêmicos. Aqui, a universidade deve ser mais do que um laboratório, objeto de estudo ou campo de pesquisas, mas também uma instituição com pessoas, demandas, reivindicações, anseios e saberes que se encontram dentro e fora da universidade. (NUNES; SILVA, 2011).

Tal visão, ainda não é consenso em algumas universidades e nas diretrizes de

programas de extensão, a saber, que muitas universidades ainda a consideram programas de extensão tão somente uma forma de devido retorno financeiro para a sociedade e não como uma construção e vínculo de retroalimentação para e com a mesma. Pautar as iniciativas de extensão sob uma lógica de capital de sanar uma dívida com a sociedade acarreta distanciamento da universidade e comunidade além de iniciativas deslocadas com a realidade social que levam ao desinteresse das ações por discentes, docentes e comunidades. Há um fortalecimento desta relação quando acontece um desenvolvimento de ações que possibilitem contribuições aos cidadãos. (RODRIGUES et al., 2013).

Os projetos de extensão universitária críticos facilita a aprendizagem de saberes recíproco e devem agregar integrantes da universidade e da comunidade sob uma linha horizontal do conhecimento (CALIPO, 2009). Quando a universidade se julga detentora de um saber ocorre uma extensão de cunho assistencialista, em que o saber é transmitido sem indagações e confronto. Paulo Freire afirma que há diferenças entre educar e educar-se. Em prática da liberdade, não é estender da fonte do saber para a fonte da ignorância para salvar, com tal saber, os que habitam nela. (FREIRE, 1977; CALIPO, 2009). Nesse âmbito, o conhecimento é transmitido e não construído pelos participantes da ação. Tal transmissão é verticalizada e parte do pressuposto de uma superioridade de quem estende o que escolhe o que, como transmitir e desconhece a visão de mundo dos que vão receber (SERRANO, 2012).

Há benefícios para a universidade devido a extensão proporcionar um conhecimento diferenciado, focado para a sociedade que ganha, também, pois pode acontecer melhorias na qualidade de vida dos mesmos (RODRIGUES et al., 2013). Para entender a concepção de uma atividade de extensão, deve-se compreender a função da IES (Instituição de Ensino Superior) na sociedade e como a extensão é vista como um retorno do investimento social da sociedade. Nesse sentido, há uma responsabilidade social da universidade dentre que as políticas de extensão devem obedecer a preceitos estabelecidos pela missão da instituição, ao considerar a importância social das ações para o desenvolvimento e promoção da cidadania. (CARBONARI; PEREIRA, 2007). É dever da universidade para com a sociedade de promover o diálogo com ela, tentar responder às suas demandas e expectativas, reconhecer a sociedade, em sua diversidade, tanto como sujeito de direitos e deveres, quanto como portadora de valores e culturas tão legítimos quanto àqueles derivados do saber erudito. Dentre os papéis da extensão para com a sociedade podem ser citados a construção da relação de compartilhamento entre o conhecimento científico e tecnológico produzido na universidade e os conhecimentos de que são titulares as comunidades tradicionais além de

promover a interação dialógica, da abertura para alteridade, para a diversidade como condição para a autodeterminação, para a liberdade, para a emancipação. (PAULA, 2013).

3.3 A FORMAÇÃO DO NUTRICIONISTA

O aumento da expectativa de vida média do brasileiro acarretou uma demanda maior de profissionais da área da saúde bem como, a busca por uma alimentação saudável encontra-se respaldada pela alta incidência de doenças crônicas não transmissíveis. Tal situação epidemiológica representada por uma carga dobrada de doenças tem exigido dos nutricionistas uma reflexão mais aprofundada de seu papel nas estratégias para reversão desse cenário (PINHEIRO et al., 2012). Dentro desse contexto, o campo da nutrição tem tido relevância no quadro de profissionais de saúde que se reflete no aumento da oferta de cursos de graduação e técnicos para a área. Segundo Costa:

“As modificações no mundo do trabalho tem exigido do nutricionista novos atributos profissionais. De um lado, criatividade, autonomia na busca do conhecimento e capacidade de liderança; de outro, competência para desenvolver quadros técnico-analíticos e críticos que lhes permitam acompanhar não só o desenvolvimento do conhecimento e da formação profissional, como também a capacidade de se comunicar internacionalmente, desenvolver a crítica ao novo, além de desempenhar a profissão de forma contextualizada e em equipe multiprofissional.” (COSTA, 2009, pg.2).

A autora afirma que tais atributos não são compatíveis com a aprendizagem fragmentada derivada pelo fato da formação signifique apenas atingir metas estabelecidas previamente, que definem a conduta esperada bem como, as condições em que serão alcançadas e o desempenho médio dos alunos.

Tais problemas não são exclusivos dos cursos de graduação de nutrição, mas é um quadro comum de muitas formações em saúde ao longo do país. Baseada no modelo que dá ênfase a processos biológicos, a educação de profissionais de saúde divide o saber e amplia a disparidade entre teoria e prática sem considerar as necessidades do sistema único de saúde (SUS). Tais metodologias tradicionais de ensino-aprendizagem ressaltam a posição do professor como transferidor de conhecimento e o aluno como receptor de informações que conhece a realidade sem questioná-las criticamente e a supervalorização da formação

tecnicista. Elas se mostram ineficazes para a formação de profissionais em consonância os princípios preconizados pelo SUS. (LOPES et al., 2017).

Percebe-se que a maioria dos currículos da área da saúde orienta-se pela corrente de concepção do conhecimento positivista, que compreende a organização dos processos de ensino de maneira linear, do teórico para o prático e do ciclo básico para o profissionalizante. Ela pressupõe que os conteúdos devam ser ministrados previamente, a fim de que o aluno tenha capacidade de dominar a teoria e depois, aplicá-la na prática, sem incorporar à prática como um espaço pedagógico de ensino e aprendizagem. (SILVA, 2010; SANTOS et al., 2005; PINHEIRO et al., 2012). Esse padrão da formação das áreas de saúde mostra-se distante do SUS que teve na sua concepção como referência a ideia de mudanças paradigmáticas do biomédico, baseado no padrão reducionista, voltado para a doença e com foco no hospital em detrimento de um paradigma da produção social da saúde, tendo uma concepção holística e sistêmica saúde-doença-adoecer, com orientação para a humanização, alteridade e trabalho em equipe interdisciplinar, cuja ênfase está na atenção primária à saúde. (CAPRA, 2006; MENDES, 2006; COTTA et al., 2006; JUNQUEIRA;COTTA, 2014).

Críticas vem sendo formuladas em relação à formação do nutricionista consistindo no fortalecimento de conteúdos voltados para as ciências biológicas em detrimento de uma formação mais sólida em aspectos político-sociais. A carga horária mais voltada para as disciplinas das áreas biológicas induz uma predominância do desenvolvimento de competências voltadas para atenção à saúde no contexto da individualidade em detrimento da coletividade. (BOOG, 2008; ALVES ; MARTINEZ, 2016). Essa abordagem que cria barreiras entre a academia e a comunidade bem como, desconsidera a realidade em favor de conteúdos e disciplinas tecnicistas perpassam os estudos dos profissionais da saúde e estão presentes desde os primeiros anos de estudos até a formação de mestres e doutores pelos centros universitários. A importância da formação pelas instituições de ensino superior deve voltar-se para o profissional cidadão, tecnicamente e cientificamente, porém, com uma ampla visão da realidade que irá atuar e com os elementos para transformá-la. Logo, a formação de profissionais voltados apenas para o desempenho técnico específico da sua área de atuação não deve ser mais constante pelas universidades. (AMORIM; HERIVELTO; CARRARO, 2001; COSTA, 2009).

A Diretrizes Curriculares Nacionais (DCN) são orientações para a elaboração dos currículos que devem ser adotados por todas as instituições de ensino superior (IES) na perspectiva de assegurar flexibilidade, diversidade e qualidade da formação oferecida aos estudantes, garantido uma consistente formação básica e preparando o graduando para

entender os desafios das rápidas transformações sociais, do mercado de trabalho e das condições de exercício profissional (BRASIL, 2001; ALVES ;MARTINEZ, 2016). Conforme definidas nas DCN, as competências gerais referem-se a um conjunto de qualidades que devem ser promovidas, no aluno, a capacidade de desenvolvimento intelectual e profissional autônomo e permanente. Nesse sentido, é consideravelmente desafiador para os cursos de graduação em nutrição desenvolver as concepções previstas no DCN's em projetos pedagógicos, como um rumo para nortear toda a graduação. Tal desafio amplifica-se quando se é pensado uma formação capaz de atender o desenvolvimento das competências necessárias para a atuação de nutricionistas no SUS. (ALVES; MARTINEZ, 2016). Logo, as DCN's preconizam mudanças curriculares que almejem uma formação profissional segundo as diretrizes e os princípios do SUS, considerando as necessidades de saúde individuais e coletivas e a reorientação do modelo assistencial com o intuito de valorizar a promoção da saúde, salientando seus componentes sociais. (SIQUEIRA-BATISTA, 2013; JUNQUEIRA; COTTA, 2014).

4 ROTEIRO METODOLÓGICO

4.1 TIPO DA PESQUISA

Trata-se de uma pesquisa qualitativa que trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis. Assim, a pesquisa qualitativa busca compreender os fenômenos que estuda (indivíduos, grupos e organizações, contexto social, etc) através da interpretação dos próprios indivíduos que participam da ocasião, sem se preocupar com representações numéricas. (MINAYO, 2001).

A abordagem qualitativa apresentou o intuito de capturar as atitudes e as falas das pessoas ao compreender que elas descrevem sua interpretação sobre o mundo (MINAYO, 2001; Xavier et al., 2011). A pesquisa qualitativa é composta por análise de dados não numéricos [...] A pesquisa qualitativa tem menos interesse na categorização de pessoas como grupos e mais nas respostas naturais, que após análise podem revelar padrões ou contradições nos dados (UNESCO, 2009).

O método escolhido foi a pesquisa-ação que é uma forma de investigação que se baseia em uma autorreflexão coletiva empreendida pelos participantes de um grupo social de maneira a melhorar a racionalidade e a justiça de suas próprias práticas sociais e educacionais, bem como buscar o entendimento dessas práticas e de situações onde essas práticas acontecem. (KEMMIS; MC TAGGART, 1988; ELIA; SAMPAIO, 2001). A pesquisa-ação cujas características são participante e engajada em contraposição à pesquisa tradicional, considerada como não reativa. Além, considera-se a pesquisa-ação como técnica objetiva e caracterizada também por unir a pesquisa à ação ou prática. (ENGEL, 2000).

É a partir da pesquisa-ação que se pode refletir sobre a relação entre pesquisador e projeto bem como, a influência das ações e vivências no projeto na atuação acadêmica e profissional do pesquisador. Faz-se necessária na pesquisa-ação uma estrutura de relação entre os pesquisadores e pessoas envolvidas no estudo da realidade do tipo participativo/coletivo. Para além de uma simples coleta de dados, o processo de conhecer com os devidos cuidados necessários para que haja reciprocidade entre os grupos envolvidos explicitam a participação do pesquisador. (BALDISSERA, 2012). Além disso, uma parte da

pesquisa pode ser ainda classificada como transversal, pela sua organização temporal e de campo, pois foi necessário entrevistar alguns sujeitos em seus domicílios.

4.2 ATORES DA PESQUISA

O maior ator do estudo é o próprio pesquisador que ao longo de todo processo investigativo, se colocou como uma real possibilidade de mudança e de amadurecimento para além do campo universitário. Constituem-se como atores da pesquisa também, e não menos importantes, em uma etapa do estudo, os indivíduos que participaram do CineCidadania como expectadores e debatedores dos filmes exibidos.

4.3 COLETA DE DADOS

Para coleta dos dados iniciais foram utilizadas as técnicas de diário de campo que consiste em ser um meio de registro de observações, comentários e reflexões para uso individual e profissional do aluno e pode ser utilizado para registros de atividades de pesquisa e/ou registro do processo de trabalho. O diário de campo facilita o hábito de observar com atenção e descrever com precisão os acontecimentos. (FALKEMBAC, 1987; LIMA; MIOTO; DAL PRA, 2007).

Além do método supracitado também foram utilizadas fotografias e registro de vídeos gravados dos debates e para as chamadas veiculadas no website youtube. Os meios como os fotográficos e audiovisuais são meios de recortes do real, em primeiro lugar, um corte no fluxo do tempo real, o congelamento de um instante separado da sucessão dos acontecimentos. Em segundo, eles são um fragmento escolhido pelo pesquisador pela seleção do tema, dos sujeitos, do entorno, do enquadramento, do sentido, da luminosidade e da forma (MONTEIRO, 2006; RIOS, MENDES; COSTA, 2016). O espaço temporal dessa coleta de dados diz respeito a três anos, que correspondem ao tempo que o pesquisador viveu o projeto CineCidadania.

Por fim, foi utilizada a técnica de entrevista para aplicação de questionário semiestruturado (APÊNDICE I) para indivíduos que assistissem ao filme na praça e participassem posteriormente da discussão. Ao término da exibição, a pessoa era contactada e

questionada se permitiria a visita do pesquisador em sua residência no dia seguinte. A ideia de só aplicar o questionário no dia seguinte a exibição e na casa da pessoa teve por objetivo reduzir a timidez de falar na frente de outras pessoas e dá um espaço de tempo razoável para o participante se situar e não estar sob efeito imediato que o filme causa no espectador visto que, almejou-se avaliar se o filme e debate acarretariam alguma introdução de conhecimento nos espectadores.

4.4 ANÁLISE DOS DADOS

Foi realizada uma análise descritiva, utilizando os diários de campo, as fotografias e vídeos ao longo do projeto. Para avaliar os questionários foi realizada uma análise descritiva e análise de conteúdo que é definida por ser uma técnica de análise das comunicações, onde o pesquisador analisa o que foi obtido nas entrevistas e procura-se assim classificar em temas ou categorias que ajudem na compreensão do material estudado. (SILVA; FOSSÁ, 2015). Foi realizada a transcrição literal dos áudios das entrevistas obtidos com o gravador (marca powerpack®), gravador de voz do smartphone do pesquisador e após foi construída uma matriz de respostas dos participantes do questionário para uma melhor compreensão e apresentação das respostas. As falas foram expressas utilizando nomes fictícios, de personagens do cinema, para manter o sigilo da identidade dos participantes.

4.5 ASPECTOS ÉTICOS

Esta pesquisa atendeu as normas da Resolução Nacional de Saúde 466/12, que compete toda e qualquer pesquisa envolvendo seres humanos, e foi submetida para apreciação do comitê de ética da Universidade Federal de Campina Grande, mediante Plataforma Brasil devido sua natureza de coletar dados, opiniões de pessoas bem como, gravação de áudio e vídeo. Os participantes dessa pesquisa foram, obrigatoriamente, solicitados a assinar o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) (APÊNDICE II) para que eles tivessem a ciência do objetivo da pesquisa e das questões pertinentes a participação na mesma além da confidencialidade das informações e a não obrigatoriedade na participação.

5. RESULTADOS E DISCUSSÃO

CENA 1: TRANSFORMAÇÕES PESSOAIS E SOCIAIS

“É preciso sair da ilha para ver a ilha. Não nos vemos se não saímos de nós.” (José Saramago).



Imagem 1: A Ilha (Acervo pessoal do projeto)

Pode ser uma frase de senso comum a de que a graduação é a porta de entrada para uma atuação cidadã e até mesmo, para a vida adulta. Olhando para o ponto de vista reducionista desse pensamento, uma vez que as condições de passagens para a fase adulta dão-se de acordo com vivências, idades e aprendizados particulares, pode-se dizer que enfrentar uma graduação seja uma importante transição de ciclo de vida em grande parte dos aspectos.

“O que está implicado nessa transição, contudo, não é apenas a formação profissional ou a colocação no mercado de trabalho. Trata-se, para muitos, de um movimento mais amplo de independência do meio familiar e de estabelecimento na vida adulta, movimento este que para a maioria dos estudantes iniciou-se na adolescência e tiveram na escolha profissional e na experiência universitária momentos significativos. A conclusão do curso universitário, portanto, implica em uma reavaliação das escolhas realizadas, das experiências vividas até o momento e, também, uma antecipação do que está por vir, tanto em termos profissionais como não profissionais.” (TEIXEIRA ;GOMES, 2004, p. 47).

Na universidade, experimentei várias transformações em muitos aspectos desde que decidi cursar a minha terceira opção de curso no exame nacional do ensino médio (ENEM) que foi o bacharelado em Nutrição pela Universidade Federal de Campina Grande (UFCG), na cidade de Cuité, no Curimataú paraibano e uma das regiões mais pobres do estado, que há

pouco menos de uma década havia sido contemplada pelo governo federal para sediar um dos *campi* da UFCG. É impossível não refletir sobre as mudanças pessoais e destacar apenas a maturidade acadêmica que prepara o profissional para o mercado de trabalho uma vez que elas estão mescladas com as aulas, leituras, práticas e vivências em especial das que deram um relance e pontos de partida para entender a complexa sociedade brasileira e a importância de ações concretas e políticas públicas, especialmente, as voltadas para programas de alimentação e nutrição.

A Política Nacional de Alimentação e Nutrição (PNAN), com sua primeira versão publicada no final dos anos 90, marcou uma data importante para a configuração da área no campo da saúde, evidenciando as transições epidemiológica, nutricional e demográfica com a convivência no país de situações extremas de desnutrição e deficiências nutricionais ao lado de altas prevalências de obesidade e doenças associadas à alimentação. A PNAN projetou um modelo de segurança alimentar e nutricional fundamentado no direito humano à alimentação, destacando a alimentação e a nutrição como requisitos de promoção e proteção da saúde. (RECINE ;VASCONCELLOS, 2011; BRASIL, 1999). Sendo assim, eu havia escolhido um curso que trazia em sua história uma trajetória de luta política para efetivação da alimentação enquanto direito e da necessidade de criação de políticas que assegurassem esse direito.

O entendimento e ponto de vista da importância da minha graduação não foram rapidamente assimilados visto que, antes de ter uma experiência de diálogo e entendimento da importância do profissional nutricionista para além das prescrições dietéticas e como requisito dos projetos pedagógicos dos cursos de graduação em saúde, é obrigatório buscar a aprovação em disciplinas do ciclo básico das áreas de saúde. Se por um lado obtive êxito e interesse em alguma das disciplinas básicas, por outro me distanciei pois, busquei um programa de intercâmbio no exterior para conseguir a proficiência em uma língua estrangeira que era um sonho antigo, e após ter cursado o segundo período do curso, parti para Austrália para produzir outros aprendizados e realizar mais um sonho, morar em outro país.

O Programa Ciências sem Fronteiras foi criado em julho de 2011, no governo da presidenta Dilma Rousseff, O programa foi considerado como o maior programa governamental de intercâmbio e mobilidade acadêmica coordenado pelas agências de fomento CNPQ (Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico) e CAPES (Coordenação de Aperfeiçoamento de Ensino Superior), com a chancela dos Ministérios da Ciência, Tecnologia e Inovação (MCTI) e da educação (MEC), o programa objetivou promover a consolidação, expansão e internacionalização da ciência e tecnologia, da inovação e da competitividade brasileira (ARCHANJO,2015). Assim, fui selecionado após ter realizado

prova de língua nativa para um curso de imersão linguística e um intercâmbio na universidade australiana que recebi a carta de aceite. Por mais que o CSF tenha aberto minhas possibilidades e me proporcionado insubstituíveis momentos de aprendizado pessoal e acadêmico, foi na extensão universitária da universidade de Cuité que passei a pensar minha atuação com um outro olhar.

Ao retornar três semestres após a experiência do intercâmbio me candidatei para uma vaga no Programa de Educação Tutorial (PET) do curso de Nutrição, o qual é financiado pelo Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação (FNDE) e que no *campi*, fazia parte do Núcleo de Pesquisa e Extensão em Nutrição e Saúde Pública, o Núcleo PENSO. O PET é desenvolvido por grupos de estudantes, com tutoria de um docente, organizados a partir de formações em nível de graduação nas Instituições de Ensino Superior do País orientados pelo princípio da indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão e da educação tutorial. Procura-se, a partir da educação tutorial, formar indivíduos de qualidade ampla, com iniciativa, disponibilidade, engajamento, fidelidade, ética, os quais tenham curiosidade para o aprendizado, persistência, boa apresentação pessoal, habilidade para lidar em grupo, cordialidade, bom humor, que compreendam, sobretudo, o conceito de responsabilidade social inerente a sua condição. (ROSIN; GONÇALVES; HIDALGO,2017). O PET Nutrição acrescentou um princípio a mais nesta tríade educacional, somou a “cultura” como um dos eixos norteadores. Entendendo que o programa se compromete com o aprimoramento dos cursos de graduação, a coordenação do programa em Cuité entendeu que para formar cidadãos que aprendem a trabalhar em equipe, a irradiar para os demais colegas o espírito de liderança e o compromisso com a geração de conhecimento para solução dos mais diversos problemas, inclusive os de cunho social, seria necessário inserir a Cultura como um dos princípios norteadores.

Como o projeto que alicerça este trabalho de conclusão de curso está vinculado ao PET, faz-se necessário ainda destacar, que os objetivos principais deste importante programa, os quais estão estabelecidos no documento de Orientações Básicas do mesmo são: oferecer uma formação acadêmica de excelente nível, visando a formação de um profissional crítico e atuante; promover a integração a formação acadêmica com a futura atividade profissional, especialmente no caso da carreira universitária; estimular a melhoria do ensino de graduação formando jovens bilíngues, versáteis, de iniciativa, de expressão oral e argumentação, capazes também de fazer contatos, administrar o tempo e as tarefas (BRASIL,2006). Em 2018, o PET conta com 842 grupos distribuídos entre 121 Instituições de Ensino Superior pelo Brasil. A UFCG, no mesmo ano, conta com 19 grupos PET e o da Nutrição é um deles.

Portanto, mesmo após a experiência de estudar em outro país, foi o ingresso na extensão universitária, que me proporcionou a possibilidade de contemplar e entender um pouco melhor as situações, vivências sociais e culturais da sociedade que os muros da academia, até então, não haviam me permitido enxergar devido à extensa carga horária de um curso realizado em tempo integral. A extensão é capaz de expandir o conceito de cidadania, uma vez que ela é uma *práxis* de uma política comprometida com a transformação social. Ela trata-se, assim, de uma atividade competente ao fazer acadêmico, indissociada do ensino e da pesquisa científica e, por ser ensino e pesquisa é fundamentalmente educação e como tal, participa da natureza do fenômeno educativo em todos os âmbitos sociais, principalmente dos mais necessitados. (CALDERÓN; PEÇANHA; SOARES, 2007).

Esse entendimento e transformação, no campo pessoal aconteceu durante os 3 anos de participação no projeto, acompanhando e participando de diálogos e debates ocorridos após as exposições fílmicas do CineCidadania, bem como, na própria vivência com os outros extensionistas marcada por planejamentos, reuniões, acordos, confraternizações e porque não mencionar, as desavenças presentes. Os desentendimentos são importantes serem mencionados pela capacidade de proporcionar crescimento, no caso em questão, eles ocorreram mais fortemente no início do projeto e na maioria das vezes, em decorrência de problemas de falta de ligação e vínculo pessoal com os demais extensionistas, o entendimento superficial do objetivo e importância do projeto, também podem ser colocados como fatores para geração da discórdia. Mas como mencionado anteriormente, podem ser citadas como uma experiência marcante para o meu crescimento profissional e mais importante, como um exercício de empatia humana.

Ainda que o crescimento e a transformação pessoal tenham sido fatores determinantes para a real vivência do projeto, a modificação do olhar para a realidade socioeconômica da população local bem como de suas necessidades e aspirações, influenciou fortemente minha atuação acadêmica e servirá de inspiração para a construção do profissional da nutrição que almejo ser.

Tal condição explica-se uma vez que a atividade de extensão é relevante por ser fonte, laboratório de aprendizagem profissional e ampliação do conhecimento (artístico, científico, tecnológico e cultural) que é produzido na universidade bem como, de possibilitar a geração de novos conhecimentos na forma interdisciplinar através de suas ações e contribui para formação cidadã e profissional dos acadêmicos ao dar oportunidade dos mesmos trabalharem a partir da realidade objetiva existencial concreta e cooperarem para a construção de uma

sociedade cada vez mais justa, ética, fraterna, igualitária e verdadeiramente democrática. (SANTOS, 2014).

Assim foi na saúde coletiva que pude começar a entender e me interessar para conhecer mais sobre a realidade social brasileira, da qual a população cuitense faz parte e representa grande parcela do Nordeste que, além das severas condições climáticas naturais, continua a sofrer desatenção por parte do poder político em intervenções e investimentos que almejem o bem-estar social, como por exemplo, saneamento básico, acesso a saúde abrangente, reforma agrária, segurança, educação profissional, empregabilidade e dentre outros descasos históricos. Descasos estes, que a parte marginalizada pelo sistema capitalista enfrenta todos os dias para a sua subsistência em um dos países com maior desigualdade e concentração de renda do planeta.

Ressalta-se assim que o contexto histórico, o meio social e a perspectiva de mundo de docentes e discentes experimentam, norteiam as atividades de ambos na universidade e assim, as experiências que permeiam o ambiente universitário aprimoram as relações sociais e educacionais e contribuem essencialmente para a construção de conhecimentos científicos e a efetivação de um trabalho conjunto mantendo a indissociabilidade do trinômio ensino, pesquisa e extensão (SANTOS, 2014).

CENA 2: EXTENSÃO E CINEMA: INFLUÊNCIAS NA FORMAÇÃO

“A humildade exprime, uma das raras certezas de que estou certo: a de que ninguém é superior a ninguém.” (Paulo Freire).



Imagem 2: Humildade (Acervo pessoal do projeto)

É de comum anseio de universitários participarem na sua vivência acadêmica, preferencialmente, por todos os princípios que norteiam a indissociabilidade das universidades públicas que são o ensino, a pesquisa, a extensão. Referente a projetos de extensão existe um grande número de experiências nas universidades, com diferentes objetivos e metodologias que variam de acordo com seus projetos e cursos. Ao ingressar no Núcleo PENSO pude conhecer e vivenciar a extensão popular (EP) que se pauta nos princípios da educação popular e tem como pressuposto buscar a transformação social e propor uma permuta de saberes entre a universidade e sociedade. A extensão popular busca superar o equívoco do termo extensão, que denota à ideia de que o conhecimento se estende daqueles que se julgam superiores até àqueles que se julgam nada saberem. Entende-se assim, como uma prática educativa dialógica, que não se propõe a estender conhecimentos aos receptores da extensão, nem manipulá-las e sim considera-as como sujeitos de decisão e transformação. (FREIRE, 1977; RIBEIRO, 2009).

Infelizmente pode-se dizer que tal prática ainda não teve sua total compreensão e entendimento por parte de muitos professores e alunos dos cursos de formação da área saúde, pois predominam com um forte viés tecnicista-biológico. Durante esse tempo como extensionista, uma das ações rotineiras era passar nas salas de aula e convidar os estudantes para assistirem ao filme conosco e participarem do debate ao final e não era raro que ao fazer o convite para os discentes participarem da exibição fílmica com o debate com a comunidade era contundentemente relatado que a extensa carga horária de aulas e avaliações impedia-lhes de alguma maneira de participar do projeto enquanto telespectador ou ainda pior, o sentimento de culpa de ir ao CineCidadania e não estudar ou produzir para manter-se em dias com as disciplinas e com a produção acadêmica universitária que obedece em certos quesitos, uma lógica de capital. Isso ocorre devido ao fato que há um forte senso de competitividade nas graduações aonde só vai se destacar estudantes que escreverem mais, que publicarem mais, que tiverem mais congressos e currículo Lattes mais extenso.

Reflexo de tal pensamento dá-se ao ser relatado por professores de outras disciplinas que o projeto CineCidadania não tinha conexão com a nutrição e logo, não lhe interessava nem convidar os alunos e também não participar do projeto enquanto telespectador ou debatente com a comunidade, preferindo assim, continuar distante da realidade sócio-cultural da comunidade local e manter os discentes presos a metodologias de ensino tradicionais.

Dentre alguma das consequências dessa problemática na saúde dos estudantes, pode-se citar sinais crescentes de problemas de saúde mental como aumento de níveis de ansiedade, estresse e depressão na graduação e na pós-graduação, visto que, essa problemática estende-se

ao longo da carreira acadêmica. O sintoma psicológico da ansiedade em acadêmicos inclui sentimentos de nervosismo antes das aulas, pânico, esquecimento durante avaliação de aprendizagem, impotência ao fazer trabalhos acadêmicos ou a falta de interesse em uma matéria difícil. Enquanto que sintomas fisiológicos podem ser citados como as palmas das mãos frias e suados, nervosismo, taquicardia, aumento da respiração, dor de estômago. (SANCHES et al., 2012; CARVALHO et al., 2015).

Em estudo com estudantes da área da saúde (biomedicina, educação física, enfermagem, farmácia, fisioterapia, nutrição e psicologia) foi encontrado prevalência de Síndrome de Burnout em 65% dos estudantes avaliados. O Burnout foi descrito inicialmente na década de 1970 como sentimento de fracasso e exaustão causado por excessivo desgaste energético e de recursos. Destaca-se entre suas consequências quadros como artromialgia, cefaleias e enxaquecas e seu desenvolvimento durante o período acadêmico pode implicar em possíveis dificuldades tanto acadêmica como profissionais e de sobremaneira em estudantes de ciências da saúde, que por prestarem cuidados diretos a outras se mostra ainda mais suscetíveis aos agentes estressores (CHERNISS, 1980; MARTINEZ et al., 2002; GIL-MONTE, 2002; VIANA et al., 2014).

Tais questões refletem a distância de discentes e docentes com a extensão universitária, em especial, a extensão popular e a permanência em metodologias tradicionais de ensino-aprendizagem no curso de saúde em detrimento de metodologias transdisciplinares de ensino para uma melhor preparação profissional para enfrentar desafios que tem sido relatados como de grande importância na saúde mundial, como por exemplo, as doenças crônicas não transmissíveis. A educação deve ser capaz de iniciar uma visão do todo- de interdependência e de transdisciplinaridade- além da possibilidade a construção de redes de mudanças sociais, com conseqüente expansão da consciência individual e coletiva. Assim, um de seus méritos está no aumento da tendência à busca de métodos inovadores, que possibilitem uma prática pedagógica ética, crítica, reflexiva e transformadora, que ultrapasse os limites do treinamento puramente técnico, para alcançar a formação do homem como um ser histórico, inscrito na dialética da ação-reflexão-ação. (MITRE et al., 2008).

Assim, enfrentar desafios de saúde brasileira e mundial tendo em vista apenas determinante biológica e sem um maior entendimento das condições sócio-ambientais-econômicas, bem como, sem uma abordagem transdisciplinar e cooperativa entre diversas áreas parece não tem se mostrado eficaz para soluções efetivas. A importância de uma maior valorização da extensão universitária ultrapassa a tríade das universidades públicas e leva ao entendimento e importância da sociedade como retroalimentadora por discentes e docentes.

Logo, inserem-se nesse contexto as metodologias ativas de ensino-aprendizagem no intuito de integrar teoria e prática, ensino e serviço, as disciplinas e diferentes profissões da área da saúde, além de procurar desenvolver a capacidade reflexiva sobre problemas reais e a formular soluções originais e criativas capazes de transformar a realidade social (MARIN et al., 2010; LOPES et al., 2017).

O espaço dialógico de aprendizado compartilhado na extensão universitária não se encontra presentes na sala de aula tradicional da maioria dos cursos de graduação das universidades e menos ainda das formações da área de saúde. Entende-se o conceito de saúde como o estado completo de bem estar físico, mental e social e não consistindo apenas da ausência de enfermidade ou doença (DE SOUZA;MIYAHARA, 2018) percebe-se então que analisar somente os determinantes meramente biológicos para indicadores de estado de saúde da comunidade não são recomendados uma vez que tal conceito é amplificado para outras áreas que abordem a vivência social.

A permanência durante os três anos no projeto de extensão CineCidadania, além da exibição e debate filmicos, pôde proporcionar para a minha experiência enquanto acadêmico e na preparação para a vida profissional reflexões acerca da aproximação e respeito ao entendimento de valores e visões de mundo diferentes. O ensino através da arte cinematográfica estimula o exercício da reflexão e da emoção por parte do acadêmico, pois mostram muitas vezes situações similares ao seu cotidiano do espectador, fazendo-o rever posturas e considerar outras hipóteses, ao analisar as situações em tela além de permitir deixar de lado ideias pré-concebidas, as quais sempre atrapalham seu futuro exercício profissional, especialmente quando neste estão envolvidas questões de cunho moral (CEZAR et al., 2010; LOPES et al., 2017).

A universidade é um campo de luta voltada para a conquista ideológica dos futuros profissionais, campo de luta pela consolidação e legitimação de práticas profissionais que irão favorecer, com a aparência de uma escolha apenas técnica, um ou outro lado das forças em luta. Lugar de pesquisa e aprimoramento de novos projetos de enfrentamento e de técnicas mais eficazes para fortalecer os interesses em luta.

Vale a pena refletir sobre práticas acadêmicas dominantes que trazem embutida uma educação pautada em produção, construída por um discurso técnico de eficiência pedagógica e de preocupação neutra com a manipulação de formas mais científicas de um certo agir profissional. Ao aprender em sala de aula a ser individualista e a meramente competir como se este fosse o melhor caminho para a excelência profissional, deixa-se para trás a

possibilidade de uma formação que prepara para o olhar para o outro em atendimento que considera sua complexidade e suas diferenças.

A universidade pode ser construída como um campo importante de resistência ao processo de devastação do sistema da vida pela irresponsabilidade da ação humana, onde há um movimento antigo de busca de novas formas de ensino e de novas práticas sociais que vêm experimentando e difundindo um significativo saber de reorientação do aprendizado e de novas formas de lidar com a sociedade e com a natureza (VASCONCELOS, et al., 2013).

A extensão universitária é o espaço mais livre para a gestação de novas práticas pedagógicas contra-hegemônicas. É o lugar para o movimento social dentro da universidade. A luta por uma sociedade mais solidária, justa e amorosa já não é tão recente, levando em consideração que com o desenvolvimento da humanidade, suas estratégias foram se transformando (VASCONCELOS, et al., 2013).

Vale ressaltar que a extensão popular é uma criação latino-americana, em expansão em diversos países, que deseja incorporar os saberes trazidos da tradição cristã de busca da solidariedade com as reflexões das ciências das ciências sociais da modernidade, que apontam para a relevância do enfrentamento não apenas das relações pessoais e comunitárias injustas e destrutivas, mas também das estruturas políticas e econômicas geradoras dessa injustiça e destruição (VASCONCELOS, et al., 2013).

O olhar para esta forma de compreender a universidade, entendendo a extensão como uma devolução para a sociedade de um pouco do que foi investido por ela, faz a diferença na vida dos docentes, dos extensionistas e da comunidade.

CENA 3: O CINE ITINERANTE

*“A arte existe porque a vida não basta”
(Ferreira Gullar)*



Imagem 3: Arte. Primeira exibição na rua do projeto cinecidadania (arquivo pessoal do projeto)

Os primeiros cineclubes surgiram na França, no começo do século XX e se consolidaram como espaços alternativos em que se reuniam intelectuais e amantes da sétima arte para assistir filmes e discutir a qualidade do cinema, seu valor de mercado, artístico e estético. No Brasil, o primeiro registro de cineclubes que se tem é o Chaplin Club, fundado em 1928 por jovens da burguesia carioca com interesse nos filmes mudos. (GUSMÃO, 2008; DALETHESE, 2013).

Expandir as intervenções do projeto CineCidadania, que tinha como característica a exibição aliada ao debate até então fixas ao museu do homem do curimataú na cidade de Cuité foi, inicialmente, uma hipótese pensada pelos extensionistas visto a necessidade de atingir mais público local que tinha gradualmente baixando suas participações nas exibições no museu. O incentivo chegou no ano de 2015 com a estreia e grande sucesso do filme nacional “Que horas ela volta?” dirigido por Anna Muylaert bem como, sua temática dentre outros temas sobre a disparidade social brasileira, e a importância de políticas públicas para acesso das classes menos favorecidas socialmente para amenizar tais igualdades.

Assim, com a colaboração do proprietário de um grid e telão na cidade de Cuité, foi organizado esse que seria o primórdio das intervenções itinerantes do CineCidadania exibido o filme em praça pública.

Aproximadamente após 1 ano da exibição, foi realizada a parceria do projeto com a prefeitura municipal de Cuité para que as exibições percorressem os bairros da cidade. Após a consolidação da parceria, o grupo se reuniu para debater métodos de escolhas de filmes, bem como, quais seriam os bairros assistidos pelo projeto que aconteceria 1 vez a cada mês e assim, deu-se início a fase itinerante do projeto CineCidadania.

O primeiro bairro escolhido para iniciar as exibições fixas foi o bairro do Tambor e dada a relevância e importância dos temas representados para o debate e para a localidade, mais uma vez foi exibido o filme “Que horas ela volta?” no dia 20 de julho de 2017. Além disso, a experiência com o cinema cria significados e sentidos para pensar e agir no mundo, que intervêm inquieta e afeta valores, gostos, memórias, sentimentos e ideias produzidos e compartilhados coletivamente. (DALETHESE, 2013).



Imagem 4: Exibição do filme “Que horas ela volta?” no bairro do tambor que iniciou as exibições itinerantes do projeto pelos bairros de Cuité. (arquivo pessoal do projeto)

Além de levar o projeto para mais próximo para parte da comunidade local, o projeto almejou proporcionar lazer e cultura através das exibições bem como, ampliar o já existente debate no projeto sobre direitos humanos, cidadania e questões de interesse global para os mesmos. O cinema, assim como todas as formas de arte, tem o peculiar poder de sensibilizar as pessoas. Assim, entende-se como as obras cinematográficas documentais, ficcionais ou de animação curta, média ou longa metragem, o cinema possibilita que os espectadores vejam os direitos humanos da forma como eles acontecem no dia a dia das pessoas, permitindo a informação e a cultura, além do próprio entretenimento. (GALAN, 2017).

O objetivo desse capítulo é fazer uma análise descritiva no tangente a algumas opiniões dos participantes sobre avaliação do projeto e o aprendizado através do cinema e do debate nos parágrafos seguintes. Tais opiniões foram coletadas da matriz de resultados (APÊNDICE III) construída a partir do questionário aplicado durante as três últimas exibições do cine itinerante que o pesquisador esteve presente.

CENA 3.1: O ÂMBITO FORMADOR E DIALÓGICO DO CINE ITINERANTE

Dentre alguns dos objetivos da aplicação do questionário semi-estruturado buscou-se identificar e verificar a possibilidade educativa da experiência de ver filmes e debates pelo projeto, uma vez que a curadoria do projeto sempre optou por trazer filmes em que as questões sociais e políticas, bem como as relações humanas fossem alguma das temáticas abordadas pelo roteiro como contrapartida para incitar o debate.

O filme nacional de 2005 “Quanto vale ou é por quilo?”, dirigido por Sérgio Bianchi aborda dentre outras questões pertinentes dos reflexos da escravidão no Brasil atual, incidindo, sobretudo em índices de racismo e marginalização social da raça negra, a corrupção política e social bem como, a apropriação de uma falsa solidariedade aos mais pobres pelo

marketing social de pessoas e ONG'S (Organizações Não-Governamentais). Ao ser entrevistada sobre o que mais ela gostou do filme e qual a razão, Preciosa (37 anos, ensino fundamental) afirmou que: *“pra pessoa pensar na realidade que a gente tamo hoje porque quase tudo ali é quase uma realidade de hoje. Não todos, né ...Todos que passou mas tipo a escravidão é assim que a gente somos escravos da gente mesmo e de político...A gente somos escravos também deles porque assim, eles querem comprar votos, né [...]”* Ainda que a mesma participante tenha relatado tal colocação após o filme e quando da aplicação do questionário, paradoxalmente, a mesma participante afirmou não ter aprendido ou conhecer algo que não sabia após o filme e debate. Por outro lado, Indiana Jones (34 anos, ensino superior) afirmou quando questionado se ele aprendeu alguma coisa que desconhecia antes do filme e do debate que *“No debate porque aproximou bastante a questão da realidade mais local. Tocou muito na questão da exploração assim pela questão do trabalho e aqui na nossa região no município de Cuité muitas pessoas trabalham e recebem menos que um salário mínimo e muitas delas até se contentam, acham que não estão sendo exploradas e que há, por trás disso também, uma coisa que a gente ver a desigualdade muito grande ,a concentração de renda que existe em nosso país e faz com que a nossa região aqui do Curimataú, Seridó paraibano seja uma das mais pobres da paraíba inclusive do Brasil”*.

Independente da postura dos participantes quanto a pergunta em si pode-se dizer que o projeto cria um espaço de construção para o diálogo e aprendizado, não necessariamente no contexto de trazer informações da universidade para a comunidade, ou na simples extensão da fonte do saber para a fonte da ignorância para salvar, com tal saber, os que habitam nela. (FREIRE, 1977) mas, um espaço de construção de sociabilidade entre sujeitos-filme e assim, educativo (DUARTE, 2002) bem como, a prática de ver filmes pressupõe um aprendizado tanto com o modo de se relacionar com a linguagem cinematográfica, quanto com a construção de estilos de vida, valores e concepções de mundo, uma vez que os filmes produzem sentidos e discursos criados e compartilhados na cultura em que estão inseridos. (HENN FABRIS, 2008). Logo, o próprio fato dos participantes refletirem e opinarem nas questões tangentes a situação sócio-cultural e políticas da sociedade brasileira denota certa formação almejada e alcançada pelo projeto.

Tal espaço também tem evidência quando se analisa as respostas e perspectivas, de participantes com grande disparidade de idade e escolar, ao serem entrevistadas após os filmes “Extraordinário” (EUA,2017, dir.: Stephen Chbosky) e “Capitão Fantástico” (EUA,2016, dir.: Matt Ross), respectivamente.

O primeiro baseia-se na história de vida de Auggie Pullman diagnosticado com uma condição rara que o levou a passar por inúmeras cirurgias faciais enquanto criança que desfiguraram seu rosto e o mesmo terá que lutar pelo seu lugar de respeito e igualdade perante as outras crianças quando o mesmo começa a frequentar a escola regular. O segundo, conta a história de um pai que cria e educa suas seis crianças, na floresta sob suas filosofias ideológico e políticas e uma rotina e disciplinas de exercício físicos e de sobrevivência que entram em conflito quando estes personagens adentram a vida urbana para realizar um último desejo da falecida mãe e as vontades da família da mesma para com o corpo e com a criação das crianças.

Quanto ao filme “Extraordinário”, Mathilda (24 anos, ensino superior incompleto) quando questionada sobre o que aprendeu com o filme e debate mencionou: *“Eu sabia que existiam problemas de anomalia no rosto, eu esqueci o nome da doença dele. Mas, eu não sabia que podia fazer muitas cirurgias, eu achava que aquele caso era irreversível. Porque no filme ele fez 25 cirurgias, se não me engano. Eu achava que por ele ser criança não podia fazer esse tipo de cirurgia”*. Quando para a mesma pergunta e para a mesma exibição, Hugo Cabret (9 anos, quarto ensino fundamental) respondeu que: *“Aprendi que todo mundo tem que respeitar o próximo que todo mundo é igual”*. Para efeito de similaridade entre as de faixa etária e escolar, relata-se correspondência dos discursos para a exibição do filme “Capitão Fantástico”, para a mesma questão da exibição anterior, Coraline Jones (7 anos, ensino fundamental) descreveu as falas de quando o pais das crianças as chamam para irem para a escola e disse que foi a que mais gostou tanto no debate após a exibição quando a posteriori na aplicação do questionário.



Imagem 5: Discussão do filme “Extraordinário” na praça das flores. (arquivo pessoal do projeto)

Ressalta-se a importância e destaque das falas das crianças que denotaram fatores e entendimentos chaves de filme de longa metragem e com uma certa complexidade narrativa. Parece ter urgência pensar em uma ou possibilidade de ensinar as crianças a ver filmes, dado como o objetivo a construção com elas dos conhecimentos necessários para a avaliação da qualidade do que veem e para a ampliação de sua capacidade de julgamento estético, partindo-se do princípio de que o cinema é uma das mais importantes artes visuais da atualidade, com grande poder de atração e indiscutível potencial criativo (DUARTE ; ALEGRIA, 2008). Foge-se do escopo desse trabalho discutir os fatores inerentes ao aprendizado através de filmes considerando-se a idade e nível de ensino, bem como, são alguns trechos citados que se pode ver com clareza o fato de um espaço de exibição de filmes e debates ter um cunho educativo bem como, ressalta-se que aprendizado e respostas são questões subjetivas em que interferências podem ocorrer durante a resposta do participante e análise do pesquisador, logo, seria incerto mencionar que Hugo Cabret teve mais entendimento que Mathilda. Logo, não se trata de comparar respostas, mas, de admitir alguma possibilidade a inferência do pesquisador e que pode apresentar diferenças no que o (a) participante respondeu. Contudo, corrobora-se o espaço de sociabilização e formação fomentada pelo projeto na comunidade e assim confirma-se o papel essencial na formação cultural educacional dos sujeitos, ao admití-lo como expressão legítima do conhecimento e que não se reduz apenas a prática de assistir filmes, porém, configura-se na tomada de

significados de uma linguagem bem como no aumento e construção de formas de leitura e experiências com o cinema e o mundo. (DUARTE, 2002).



Imagem 6: Discussão do filme no Arraial da Serra. (arquivo pessoal do projeto)

CENA 3.2: A IMPORTÂNCIA DO CINE ITINERANTE PARA A COMUNIDADE E UNIVERSIDADE

Finalizando esse estudo almejou-se obter percepções dos espectadores sobre o CineCidadania itinerante como uma avaliação para o mesmo. Pioneiro em estender o cinema e debates para além dos muros da universidade, o projetou que já se destacava como uma opção de lazer e cultura na cidade universitária do Curimataú paraibano ultrapassa também tal fronteira ao encontrar-se próximo dos bairros periféricos da cidade com o objetivo de discutir os problemas e ideias da comunidade através do cinema. Como prática social, o cinema promove aprendizados, interações e experiências das mais variadas naturezas, estabelecendo profundas relações afetivas, políticas, culturais e sociais com as pessoas. (DALETHESE, 2013).

Dentre as avaliações obtidas pelo questionário semi-estruturado destacam-se as opiniões de Frodo Baggins (19 anos, superior incompleto): *“Eu achei um projeto legal porque tipo assim tem gente, a gente acha que não, mas tem gente que não tem uma tv em casa, tem gente que não tem acesso a filmes, tem tv, mas não tem acesso a filmes e os filmes que*

passam na televisão não são filmes produtivos e talvez filmes que levem você a debater como o filme que aconteceu aqui, que é um filme que leva você a refletir sobre sua vida e geralmente, quando você tá dentro de casa mesmo que você tenha a televisão dentro de casa você não vai debater no final sobre o filme com sua família. Se debater deve ser uma coisa muito rara, mas, ai acho interessante porque a gente debate e interage com o pessoal sobre o que achou do filme”. Os comentários positivos acerca do projeto bem como, sua função lúdica foram a maioria das entrevistas quando se comparadas as opiniões entre os universitários, além do citado, também pode-se ressaltar a fala de Pantera Negra (21 anos, superior incompleto): *“Eu particularmente gosto muito, muito, muito mesmo. Primeiro porque eu gosto de filme e segundo porque eu gosto de diálogo então pra mim é juntar o útil ao agradável. Eu acredito que essa forma do CineCidadania está presente tanto na sociedade, fora assim do mundo mais acadêmico, do mundo universitário, ele proporciona levar conhecimento para as pessoas que às vezes não tem acesso e eu gosto muito. Uma palavra que eu amo é você fornecer acesso para as pessoas ter o mesmo conhecimento que você ou mais... Eu acho também que os curtas são bem legais para ser discutidos e debatidos não só com os filmes longos mas eu não sei como é que isso poderia ser colocado no CineCidadania mas, é muito interessante, adoro, inclusive sou louca que tenha um festival só CineCidadania em vários lugares, acho muito legal.”*

A participação de universitários no cinema e debate por si representam que novas ferramentas para aproximar a universidade e comunidade como o cine itinerante tanto apresentam-se viável quanto e que tais problemáticas sociais importantes para o entendimento dos universitários adentra o ambiente universitário de fora pra dentro da universidade, isto é, entende-se a comunidade como um começo e não como um fim de projetos de extensão. Assim, entender a postura com que relacionamos e lidamos com filmes, de analisar e criar com as imagens cinematográficas implicam numa experiência de cidadania, ou seja, de saber transitar, pertencer e participar da cultura na qual estamos inseridos e que também construímos. (DUARTE;ALEGRIA, 2008).

Para além da opinião de universitários sobre o projeto, uma vez que ele almeja alcançar a população local da cidade de Cuieté, destacam-se para a mesma pergunta a avaliação de Dona Minerva McGonagoll (62 anos, ensino fundamental): *“Ahh, a opinião do filme, eu num sei nem qual é a opinião que eu vá dar. Do projeto? Maravilhoso! Eu quero que aquele projeto que vocês construiu daquele filme, que ele continue mais e mais projeto, e que ele passe mais tempo e que fique passando na minha cidade, nas outras cidades, nos municípios ai onde vocês e aonde ela fez o trabalho [...]”.* Aqui, abro espaço para comentar sobre Dona

Minerva, moradora da cidade de Cuité e que assim, representa a parte almejada por esse projeto demonstra seu ânimo pelo projeto também ao ser questionada qual foi sua motivação para ir ao cinema e assim ela responde: “ [...] *É muito importante o filme, pra mim ele é muita coisa, parece que eu fico mais nova, parece que eu fico mais jovem, parece que minha cabeça funciona mais direito que eu chego em casa e passo uma história para meu filho do que eu assisti, é muito importante pra mim.* O sentimento descrito reflete-se no fato que o encontro com a sétima arte marca a existência dos sujeitos, perpassando trajetórias de vidas que se potencializam em aprendizados individuais e coletivos, ao veicular padrões de comportamento e sentimentos. (GUSMÃO; SANTOS, 2010).

Ressalta-se assim o potencial do projeto tanto para universidade quanto para a comunidade, para o primeiro grupo tem-se uma maior proximidade com o segundo e o entendimento da importância do mesmo para se pensar na construção das ações e intervenções universitárias de se aproximar mais da comunidade e para a segunda, como já mencionadas forma de cultura, lazer e debate sobre as problemáticas relacionadas a sociedade brasileira e de alguma forma, global. Tal pensamento pode ser resumido na opinião de Indiana Jones (34 anos, assistente social): “*Eu vejo que é um momento muito rico de discussão que ele proporciona. Um debate sadio com alto nível de discussão pelo papel que a universidade tem de caráter crítico. Não é um espírito de crítica mas um espírito crítico mesmo que cada estudante busca e se dedica e traz também, muitos de outras regiões com conhecimento, outras experiência e ajuda a enriquecer a nossa cidade e dentro do CineCidadania eu percebo muito isso. E assim é um motivo de orgulho ter na nossa cidade esse momento de espaço, de discussão [...]*”.

Diz-se assim que a narrativa fílmica pode atuar no âmbito da consciência do sujeito e no âmbito sócio-político-cultural”, bem como, o projeto encontra viabilidade e amparo dado que ele contesta a prática de ver filmes como mero entretenimento e lazer, ao conferir a capacidade de atravessar os sujeitos. Por fim, entende-se a experiência com o cinema é um encontro de significações e ressignificações da vida e de nós mesmos. (FANTIN, 2006; LARROSA, 2002; DALETHESE, 2013). Além disso, ressalta-se a importância do debate sobre temáticas sociais sensíveis ao interesse social e para a formação acadêmica pautada em uma atuação ética, democrática em que se podem destacar o amplo debate acerca dos direitos, deveres, política públicas, segurança alimentar e nutricional, sustentabilidade, luta contra os preconceitos enfim, uma formação pautada nos Direitos Humanos. É preciso uma abertura de horizontes para as temáticas que podem ser trabalhadas no campo dos Direitos Humanos, bem como entrosamento entre a comunidade acadêmica e a sociedade sobre os estudos e as

vivências que têm sido realizadas. Constata-se que com um debate aberto, horizontal, interdisciplinar e crítico, tendo a sétima arte como fonte de inspiração e de busca de compreensão da realidade na qual todos estão inseridos. (GALAN, 2017).

Para além de uma avaliação do projeto almejando melhorias internas, uma outra questão pertinente para a comunidade acadêmica desse estudo é a sugestão da metodologia utilizada para se estudar a utilização do cinema na construção e formação de espaços educacionais visto que, embora haja inúmeras iniciativas nas universidades que utilizam o cinema para diversas abordagens e finalidades, há escassas fontes metodológicas de como a sétima arte pode vir a ser utilizadas e validadas do cinema enquanto ferramenta educativa, em especial, no ensino de saúde. (MEMBRIVES; ISERN; MATHEU, 2016).

6. CENA FINAL

O projeto de extensão CineCidadania, vinculado ao Núcleo PENSO da Universidade Federal de Campina Grande, campus Cuité, nasceu inicialmente com o intuito diferente do que se é praticado hoje, que é pautar uma formação acadêmica alicerçada pela interdisciplinaridade ao promover, através da sétima arte, a aproximação entre universidade e comunidade tendo como finalidade um debate de temas de interesse a sociedade brasileira e sensíveis ao contexto global na busca por ampliação e maior representação dos fundamentos democráticos tanto para comunidade quanto para a universidade.

Além disso, uma vez que se utiliza da arte cinematográfica para captar sua audiência, o projeto utiliza das inúmeras técnicas visuais e narrativas do cinema, que encanta, cria, transforma, emociona e choca as pessoas ao redor do globo durante seus quase 125 anos de existência. Por isso, é um *locus* de lazer e cultura bem estabelecida na cidade universitária durante seus seis anos de continuidade e transformações.

Esse estudo, expôs as reflexões e percepções do projeto para a mudança pessoal e profissional do pesquisador através de seus 3 anos de vivência, vividos quase com dedicação exclusiva ao projeto de extensão bem como, fundamentou-se em bases que corroboram com o uso da sétima arte para ampliar as fronteiras da universidade aproximá-la mais ainda da sociedade brasileira e também a necessidade de que o ensino transpasse a academia ao considerar o contexto social e econômico da população bem como, seus anseios com o intuito de tornar uma formação mais humana, ética e mais preocupada com o bem-estar social para assim incentivar as transformações e melhorias sociais.

Tais qualidades são notadas quando se analisado o cine itinerante, que agora faz parte do programa de ações do CineCidadania. O CineCidadania foi explorado, também, nesse estudo através do método escolhido e constatou-se que o mesmo cria espaços de educação e sociabilização tanto na universidade quanto na sociedade de Cuité. Além disso, buscou-se através desse estudo algumas avaliações de participantes para uma avaliação direta do projeto. Para além de uma avaliação interna com intuito de se pensar melhorias gerais para o projeto e entender a satisfação da população com as exibições seguidas do debate, apresenta-se nesse estudo e assim torna-se uma contribuição para o meio acadêmico uma sugestão metodológica para estudar-se a utilização do cinema como ferramenta educacional e assim, entender a importância do mesmo uma vez que há inúmeras iniciativas que utilizam o cinema nas universidades, contudo, sem um caminho metodológico e avaliativo delimitados.

Logo, entende-se com esse estudo a importância do projeto CineCidadania e sua nova ação, a ação cine itinerante para o Centro de Educação e Saúde, campus Cuité da Universidade Federal Campina Grande dado os fatores explorados nesse estudo para a formação universitária interdisciplinar e cidadã dos estudantes que vivenciam e se transformam através uma concepção da extensão popular, que tem a sociedade como um meio para a manutenção e construção de uma universidade que seja mais plural e que tenha mais diálogo com os reais anseios da sociedade brasileira bem como, apresenta-se a importância da sétima arte como uma fonte permanente de lazer e cultura para a comunidade cuitense além de propiciar e promover o acerca de temas de importância política e social de todo o globo e com isso, ampliar e transformar as bases democráticas.

7. CRÉDITOS FINAIS

ALVES, C. G. L.; MARTINEZ, M. R. Lacunas entre a formação do nutricionista e o perfil de competências para atuação no Sistema Único de Saúde (SUS). **Interface-Comunicação, Saúde, Educação**, v. 20, p. 159-169, 2016.

AMORIM, S. T. S. P. de; MOREIRA, M. H.; CARRARO, T. E. A formação de pediatras e nutricionistas; a dimensão humana. **Revista de Nutrição**, v. 14, n. 2, p. 111-118, 2001.

ARCHANJO, R.. Globalização e multilinguagem no Brasil. Competência linguística e o programa Ciência sem Fronteiras. **Revista Brasileira de Linguística Aplicada**, v. 15, n. 3, 2015.

BALDISSERA, A. Pesquisa-ação: uma metodologia do “conhecer” e do “agir” coletivo. **Sociedade em Debate**, v. 7, n. 2, p. 5-25, 2012.

BERNARDET, J.C. **O que é cinema**. São Paulo: Brasiliense, 1980.

BOOG M.C.F. Atuação do nutricionista em saúde pública na promoção da alimentação saudável. **Cienc. Saude** (Porto Alegre). 2008; 1(1):33-42.

BRASIL. Ministério da Saúde. Portaria nº 710, de 10 de junho de 1999. Aprova a Política Nacional de Alimentação e Nutrição-PNAN e dá outras providências. **Diário Oficial da União**; 11 jun de 1999.

BRASIL. MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO, 2006. “Programa de Educação Tutorial – PET: Manual de Orientações Básicas”. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/pet/manual-de-orientacoes>>, Acesso em; 02 dezembro de 2018.

CALDERÓN, A. I.; PESSANHA, J. A. O.; SOARES, V. L. P. C. Educação superior: construindo a extensão universitária nas IES particulares. São Paulo: **Xamã**, 2007.

CALIPO, D. Projetos de extensão universitária crítica: Uma ação educativa transformadora. Campinas, 2009. **Trabalho de Conclusão de Curso**. Universidade Estadual de Campinas. Campinas, SP, 2006.

CAPRA F. **Alfabetização ecológica**. São Paulo: Cultrix; 2006.

CARBONARI, M. E. E. ; PEREIRA, A. C. A extensão universitária no Brasil, do assistencialismo à sustentabilidade. **Revista de Educação da Anhanguera Educacional**, [s. l.], v. 10, n. 10, p. 23–28, 2007.

CEZAR, P.H.N et al. A sétima arte e a arte de viver: o cinema e o “ensino” de bioética. **REMPEC - Ensino, Saúde e Ambiente**. 2010; 3(2): 121-133.

CHERNISS, C. **Staff Burnout: job stress in the human service**. Sage: Beverly Hills; 1980.

COSTA, F. C. **O primeiro cinema**. Rio de Janeiro: Azougue, 2005.

COSTA, N. M. S. C. Formação pedagógica de professores de nutrição; uma omissão consentida; Teacher training for nutrition professors; a tacitly accepted omission. **Revista de Nutrição**, v. 22, n. 1, p. 97-104, 2009.

COTTA R.M.M et al. Sobre o conhecimento e a consciência sanitária brasileira: o papel estratégico dos profissionais e usuários no sistema sanitário. **Rev Med Minas Gerais** 2006; 16(1):2-8.

COURA, H. S. et al. Cinema e religião: a inefabilidade dos conceitos-imagem em M. Night Shyamalan. 2009.

DALETHESE, T. Cinema, narrativas e experiências: a formação atravessada pela prática cineclubista na Universidade. **Monografia. Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro**, 2013.

DE CARVALHO, E. A. et al.. Índice de ansiedade em universitários ingressantes e concluintes de uma instituição de ensino superior/Anxiety scores in university entering and graduating students from a higher education institution. **Ciência, Cuidado e Saúde**, v. 14, n. 3, p. 1290-1298, 2015.

DE OLIVEIRA, B. J. Cinema and the scientific imaginary [Cinema e imaginário científico]. **Historia, Ciencias, Saude - Manguinhos**, [s. l.], v. 13, n. SUPPL. 1, p. 133–150, 2006.

DE PAULA, J. A. A extensão universitária: história, conceito e propostas. **Interfaces-Revista de Extensão da UFMG**, v. 1, n. 1, p. 5-23, 2013.

DE SOUZA, R. A.; MIYAHARA, S. F. Direito à saúde: Desafios da OMS na contemporaneidade. **Direito e Cidadania**, v. 1, 2018.

DÍAZ MEMBRIVES, M.; ICART ISERN, M.T.; LÓPEZ MATHEU, M.C.. Literature review: Use of commercial films as a teaching resource for health sciences students. **Nurse education today**, [s. l.], v. 36, p. 264–267, 2016. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1016/j.nedt.2015.10.002>>.

DOS SANTOS, M. P. A extensão universitária como “laboratório” de ensino, pesquisa científica e aprendizagem profissional: Um estudo de caso com estudantes do curso de licenciatura em pedagogia de uma faculdade particular do estado do Paraná. **Extensio: Revista Eletrônica de Extensão**, v. 11, n. 18, p. 36-52, 2014.

DUARTE, R. . Cinema & educação. **Belo Horizonte: Autêntica**, 2002.

DUARTE, R. ; ALEGRIA, J. Formação estética audiovisual: um outro olhar para o cinema a partir da educação. **Educação & Realidade**, v. 33, n. 1, 2008.

ELIA, M. . F.; SAMPAIO, F. F. Plataforma Interativa para Internet: uma proposta de pesquisa-ação a distância para professores. **Anais do XII Simpósio Brasileiro de Informática na Educação**, v. 102, p. 109, 2001.

ENGEL, GI. Pesquisa-ação. **Educar em Revista**, n. 16, p. 181-191, 2000.

FALKEMBACH, E. M. F. Diário de campo: um instrumento de reflexão. **Contexto e educação. Ijuí, RS**, v. 2, n. 7, p. 19-24, 1987.

FANTIN, M.. Mídia-educação, cinema e produção de audiovisual na escola. In: XXIX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 2006, Brasília. **Anais do XXIX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação**, 2006.

FERNANDES, A. H. **REFLEXÕES SOBRE A EXPERIÊNCIA DOS JOVENS**. [s. l.], v.

142, p. 146–162, 2015.

FREIRE, P.. **Pedagogia do oprimido**. 24 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.

GALAN, D. R. H. Cinedebate como instrumento de educação em direitos humanos. 2017.

GIL-MONTE, P. R. Influencia del género sobre el proceso de desarrollo del síndrome de quemarse por el trabajo (Burnout), em profesionales de enfermería. **Psicologia em Estudo**, Maringá, v. 7, n. 1, p. 3-10, 2002.

GUSMÃO, M. O desenvolvimento do cinema: algumas considerações sobre o papel dos cineclubes para formação cultural. In: IV Encontro de Estudos Multidisciplinares em Cultura, 2008, Salvador-Ba. **IV ENECULT**, 2008.

HENN FABRIS, E. Cinema e educação: um caminho metodológico. **Educação & Realidade**, v. 33, n. 1, 2008.

JUNQUEIRA, T. S.; COTTA, R. M. M. Matriz de ações de alimentação e nutrição na Atenção Básica de Saúde: referencial para a formação do nutricionista no contexto da educação por competências. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 19, p. 1459-1474, 2014.

LOPES, M.. S. V. et al. O CINEMA COMO FERRAMENTA TRANSFORMADORA DO ENSINO EM SAÚDE: RELATO DE EXPERIÊNCIA. **Revista Saúde & Ciência Online**, v. 6, n. 3, p. 106-116, 2017.

LARROSA, Jorge. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. **Revista Brasileira de Educação**, n. 19, p. 20-28, 2002.

MARTÍNEZ, I. M. M. et al.. Burnout en estudiantes universitarios de España y Portugal. **Ansiedad y estrés**, Madrid, v. 8, n. 1, p. 13-23, 2002.

MARIN, M.J.S. et al. Aspectos das fortalezas e fragilidades no uso das metodologias ativas de aprendizagem. **REVISTA BRASILEIRA DE EDUCAÇÃO MÉDICA**. 2010; 34(1): 13-20.

MCTAGGART, R. ; KEMMIS, S. (Ed.). The action research planner. **Deakin university**, 1988.

MENDES, E.V. Uma agenda para a saúde. 2ª ed. São Paulo: **Hucitec**; 2006.

MINAYO, M. C. S. (Org.). Pesquisa social: teoria, método e criatividade. Petrópolis: **Vozes**, 2001.

MITRE, S. M. et al. Metodologias ativas de ensino-aprendizagem na formação profissional em saúde: debates atuais. **Ciência & saúde coletiva**, v. 13, p. 2133-2144, 2008.

MONTEIRO, C. História, fotografia e cidade: reflexões teórico-metodológicas sobre o campo de pesquisa. **MÉTIS: história e cultura**, v. 5, n. 9, p. 11-23, jan./jun. 2006.

NUNES, A. L. P. F; SILVA, M. B.C. S. A extensão universitária no ensino superior e a sociedade. **Mal-Estar e Sociedade**, [s. l.], v. 4, n. 7, p. 119–133, 2011.

PINHEIRO, A. R. O. et al.. Percepção de professores e estudante em relação ao perfil de formação de nutricionista em saúde pública. **Revista de Nutrição**. Campinas, v. 25, n. 5, p. 632-643, set./out. 2012.

RECINE, E. ; VASCONCELLOS, A. B. Políticas nacionais e o campo da Alimentação e Nutrição em Saúde Coletiva: cenário atual. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 16, p. 73-79, 2011.

ROSIN, S. M.; GONÇALVES, A. C. A.; HIDALGO, M. M.. Programa de Educação Tutorial: Lutas e Conquistas. **Revista ComInG-Communications and Innovations Gazette**, v. 2, n. 1, p. 70-79, 2017

RIOS, S. O.; COSTA, J.M.A; MENDES V.L.P.S. A fotografia como técnica e objeto de estudo na pesquisa qualitativa. 2016. **Discursos Fotográficos**, Londrina, v.12, n.20, p98-120, jan/jul.

SANCHES S.H.B et al. Associação entre ansiedade e hipermobilidade articular: uma revisão sistemática. **Rev Bras Psiquiatr**. 2012; 34(11):53-68.

SANTOS L.A.S, et al. Projeto pedagógico do programa de graduação em nutrição da Escola de Nutrição da Universidade Federal da Bahia: uma proposta em construção. **Rev Nutr**. 2005; 18(1): 105-17.

SANTOS, R.C..O gosto pelo cinema e o encontro de duas histórias. **Revista Contemporânea de Educação**, v. 10, p. 34-48, 2010.

SASSO DE LIMA, T. C.; TAMASO MIOTO, R. C.; DAL PRÁ, K. R. A documentação no cotidiano da intervenção dos assistentes sociais: algumas considerações acerca do diário de campo. **Textos & Contextos (Porto Alegre)**, v. 6, n. 1, 2007.

SERRANO, M.. Conceitos de extensão universitária: um diálogo com Paulo Freire. Base de dados do Scielo. Disponível em: <http://www.prac.ufpb.br/copac/extelar/atividades/discussao/artigos/conceitos_de_extensao_universitaria.pdf>. acessos em 20 nov. 2018

SILVA N. F. O nutricionista e o acolhimento ao usuário do SUS nos NASF [Internet]. **Brasília: Asbran**; 2010. Disponível em: <<http://www.asbran.org.br/noticias.php?dsid=594>>, acessos em 20 nov. 2018

SILVA, A. H.; FOSSÁ, M. I.T. Análise De Conteúdo: Exemplo De Aplicação Da Técnica Para Análise De Dados Qualitativos. **Qualitas Revista Eletrônica**, [s. l.], v. 16, n. 1, p. 1–14, 2015.

TEIXEIRA, M. A. P. ; GOMES, W. B. Estou me formando... e agora?: Reflexões e perspectivas de jovens formandos universitários. **Rev. bras. orientac. prof**, São Paulo , v. 5, n. 1, p. 47-62, jun. 2004 .

UNESCO. Organização das Nações Unidas para a educação, a ciência e a cultura. No rumo certo: **Guia para Monitoramento e Avaliação de Projetos Baseados em Comunidades**. França, UNESCO,2009.

VIANA, G. M. et al.. Relação Entre Síndrome De Burnout, Ansiedade E Qualidade De Vida Entre Estudantes De Ciências Da Saúde. **Revista da Universidade Vale do Rio Verde**, v. 12, n. 1, p. 876-885, 2014.

VASCONCELOS, M. O. D. , et al. Educação popular na universidade : reflexões e vivências da Articulação Nacional de Extensão Popular (Anepop) / organização Pedro José Santos Carneiro Cruz. 1. Ed. – São Paulo: Hucitec; João Pessoa: **Editora Universitária UFPB**; 2013.

XAVIER, J. J.S. et al.. Cinema: uma ferramenta pedagógica e humanista para temas em Saúde-Educação. A experiência do CineSocial. **Medicina (Ribeirao Preto. Online)**, v. 44, n. 3, p. 260-266, 2011.

APÊNDICE

APÊNDICE I

ROTEIRO DE ENTREVISTA PÓS-INTERVENÇÃO

Nome:

Endereço:

Idade:

Gênero: () Masculino () Feminino () Outro

Escolaridade:

1. Como ficou sabendo do filme de ontem?
2. O que levou você até o cinema ontem? Qual motivação?
3. Você lembra do nome do filme de ontem? O que mais gostou do filme? Por que?
4. Qual sua relação com filmes? (Frequência que assiste a filmes e quais gêneros)
5. Você aprendeu ou conheceu alguma coisa que não sabia depois do filme exibido e do debate?
6. Quanto tempo você mora nesse bairro e qual sua relação com os vizinhos? Você gosta de morar nesse bairro?
7. Você já se juntou com seus vizinhos (ou associação de moradores) em prol de algum benefício para a comunidade?
8. Você poderia dizer como você ajuda sua comunidade na busca por soluções de problemas?
9. Na sua opinião, os moradores de um bairro tem responsabilidade sobre as soluções de problemas de sua comunidade? Se achar que tem, de que forma pode contribuir com essas soluções?
10. Como você avalia o projeto CineCidadania (este que exhibe filmes na rua). O que você acha da exibição de filmes seguido de debate realizado pelo projeto?

APÊNDICE II

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

O Sr. (a) está sendo convidado (a) como voluntário (a) a participar da pesquisa do discente Daysio Sidney Alves Martins com objetivo de obtenção do diploma do curso de bacharelado em Nutrição da Universidade Federal de Campina Grande, Campus Cuité.

Para participar deste estudo você não terá nenhum custo, nem receberá qualquer vantagem financeira. Você será esclarecido (a) sobre o estudo em qualquer aspecto que desejar e estará livre para participar ou recusar-se a participar. Poderá retirar seu consentimento ou interromper a participação a qualquer momento. A sua participação é voluntária e a recusa em participar não acarretará qualquer penalidade ou modificação na forma em que é atendido pelo pesquisador

O pesquisador irá tratar a sua identidade com padrões profissionais de sigilo.

Os resultados da pesquisa estarão à sua disposição quando finalizada. Seu nome ou o material que indique sua participação não será liberado sem a sua permissão.

O (A) Sr (a) não será identificado em nenhuma publicação que possa resultar deste estudo.

Caso haja danos decorrentes dos riscos previstos, o pesquisador assumirá a responsabilidade pelos mesmos.

Eu, _____, portador do documento de Identidade _____ fui informado (a) dos objetivos do estudo “HOJE É DIA DE CINECIDADANIA: percepções e conhecimento de direitos humanos e cidadania através de projeto de extensão popular utilizando filmes.” de maneira clara e detalhada e esclareci minhas dúvidas. Sei que a qualquer momento poderei solicitar novas informações e modificar minha decisão de participar se assim o desejar.

Declaro que concordo em participar desse estudo. Recebi uma cópia deste termo de consentimento livre e esclarecido e me foi dada à oportunidade de ler e esclarecer as minhas dúvidas.

Cuité, _____ de _____ de 2018.

Nome/ Assinatura participante

Nome /Assinatura pesquisador

APÊNDICE III

MATRIZ DE RESPOSTAS DO QUESTIONÁRIO SEMIESTRUTURADO

MATRIZ DE RESPOSTAS

	Individuo	Como ficou sabendo do filme de ontem?	O que levou você até o cinema ontem? Qual motivação?	Você lembra do nome do filme de ontem? O que mais gostou do filme? Por que?	Qual sua relação com filmes? (Frequência que assiste a filmes e quais gêneros)	Você aprendeu ou conheceu alguma coisa que não sabia depois do filme exibido e do debate?	Quanto tempo você mora nesse bairro e qual sua relação com os vizinhos? Você gosta de morar nesse bairro?	Você já se juntou com seus vizinhos (ou associação de moradores) em prol de algum benefício para a comunidade?	Você poderia dizer como você ajuda sua comunidade na busca por soluções de problemas de?	Na sua opinião, os moradores de um bairro tem responsabilidade sobre as soluções de problemas de sua comunidade? Se achar que tem, de que forma pode contribuir com essas soluções?
Quanto vale ou é por quilo?	Preciosa 37, ens. Fund.	Rádio.	Gosta de cinema. Opção de lazer com a filha.	Não lembra. Pensar na realidade de hoje, escravidão, corrupção política	Infantil e educativos.	Não.	10 anos. Gosta de morar no bairro. Sem muita interação com vizinhos/comunidade.	Não.	Caso a comunidade se reúna para resolver problemas dela.	Acha que não.
	Tempestade	Na escola	Ir com a menina.	Não lembra. Retratar o que se passava	Não costuma.	Sim. A parte das	Sempre morou.	Tenta trazer	Não sabe	Acha que tem-

	,33,ens. Méd.	Benedicto Venâncio.	Já tinha ido uma vez.	antigamente com o que se vive sobre a escravidão.	Ver filmes infantis por causa da filha.	ongs que rendo lucrar em cima das pessoas.	Gosta do bairro.	artesanatos mas nunca consegue.	dizer.	cuidando do bairro, preservar ele limpo.
	Okoye, 20 anos, sup. incomp	Na aula de ean.	O nome do filme e bons comentários	Lembra. Pela comparação com a escravidão e com a sociedade atual.	Prefere mais séries e filmes de suspense.	A interação do debate e relatos das pessoas.	2 anos.	Não.	Não tem interação.	Não.
	Minerva <i>Mcgonagall</i> , 62 anos, ens. Fundam.	Rádio	A história do filme e debate.	Não lembra. A parte que fala da vida dos escravos.	Não.	Conhecer histórias e ter histórias pra falar.	20 anos. Gosta de morar no bairro. Pouca interação com vizinhos e mais com eventos e encontros da igreja.	Ajuda quando pedem ajuda.	Trabalhos voluntários para igreja e hospital laureano.	Tem mas não procuram/fazem.

	Indiana Jones, 34 anos, superior.	Rádio e rede social	Temática atual	Não lembra. Problemática da corrupção, racismo, exploração de trabalho.	Não.	Exploração do trabalho e aproximação das temáticas como desigualdade da realidade local.	Mora desde 2005. Gosta de morar no bairro. Relação Marcada por momentos de conversa e auxílio quando necessitado.	Não há.	Assinaturas para pavimentação de ruas, reivindicações junto com as igrejas dos bairros.	Sim, acredita que é um dever conjunto.
Extraordinário	Amélie Poulain, 27 anos, sup. Incomp.	Através de amiga.	Mudança de rotina, sair com os amigos.	Lembra. Tema de diversidade e preconceito abordado.	Comédia, ação, romance apesar de não assistir com frequência.	Sim.	Faz 5 anos. Gosta de morar no bairro mas não tem interação.	Não	Não sabe.	Não

	Hugo Cabret, 9 anos, 4 ano ens. Fund.	Cartaz.	Acha bom. Não perde o cinecidadania.	Lembra. Gostou mais que todo mundo tem que respeitar o outro.	Sim. Infantis e animações.	Sim, que todo mundo tem que respeitar o próximo que todo mundo é igual.	Quatro meses. Gosta de morar no bairro e dizer boa relação com vizinhos.	Não.	Não sabe.	Alguns. Pode ajudar sendo gentil, agradável e ajudando.
	Mathilda, 24 anos, sup. incomp	Redes sociais.	Proximidade a casa, críticas positivas sobre o filme.	Sim. Pela temática de superação do filme.	Sim. Comédia e ficção científica.	Sim. Aprendeu sobre o problema de saúde do personagem.	Mora desde que nasceu e relação com vizinhos é maravilhosa. Como se todo mundo fosse família.	Sim.	Cestas básicas, combate a dengue, auxílio para moradores, apoio moral.	Sim. Caso alguém passe por necessidades podem obter auxílio dos vizinhos.

	Antonio Biá, 27 anos, sup. Incomp.	Redes sociais.	Pelo filme e por compartilhar a visão com outras pessoas.	Sim. Pela força de vontade da mãe do personagem.	Assiste mais séries.	Ter olhar com o outro além das aparências e sim das atitudes.	Desde que nasceu. Gosta de morar no bairro apesar da ausência de interação.	Não.	Levando principais pontos de problemas que a comunidade leva até as autoridades.	Sim. Mesmo não existindo mas através da associação de moradores.
CAPITÃO FANTÁSTICO	Frodo Baggins, 19 anos, sup. incomp	Proximidade da casa.	Distração .	Sim. O modo que o pai se adaptou com a mudança para melhorar a vida dos filhos.	Não assiste com frequência mas assiste um pouco de tudo.	Aprendeu que há pessoas que seguem outros estilos de vida.	6 meses. Gosta de morar no bairro apesar de pouca relação com vizinhos	Não.	Não sabe.	Sim. Obrigação de reclamar e pode contribuir informando e repassando para o pessoal o que ocorre de errado no bairro.

	Coraline Jones- 7 anos, 3 ensin. Fundamental.	Divulgação no bairro.	Pediu a tia.	Não lembra. Quando o pai dos meninos deixam eles irem para a escola.	Não	Sim. Diferentes estilos de vida.	Não lembra quando mudou-se. Ama morar no bairro. Pouca relação com vizinhos.	Não.	Ajudando para comprar alimentos.	Mais ou menos. Pois pedem ajuda e outros não dão.
	Pantera Negra, 21 anos, sup. Incompleto-	Redes sociais.	Por conhecer o projeto e gostar de filmes.	Sim. Por retratar uma vida num âmbito totalmente diferente	Assiste com frequência- científico s,drama,ação.	1 ano e 4 meses. Gosta de morar no bairro apesar de não ter relações com vizinhos	Não para comunidade em si mas para pessoas que residem na comunidade,sim.	Não ajuda de forma direta.	Não sabe por não ter tanto contato com a comunidade.	Contribuido com pesquisas relacionados a educação básica na universidade.

Como você avalia o projeto cinecidadania (este que exhibe filmes na rua). O que você acha da exibição de filmes seguido de debate realizado pelo projeto

ARRAIAL- quanto vale ou por quilo	FLORES- Extraordinário	TAMBOR-Capitão fantástico.
Preciosa- Gostou muito. Tinha visto antes.	Amelie Poulain- super interessante, apoia por mostrar realidades diferentes do cotidiano.	Frodo- Acha legal pela exibição de filmes e pelo debate para interação com o público.
Okoye - Gostou e poderia vir mais vezes.	Hugo Cabret- Bom.	Coraline- Bom. Ótimo e que faça mais vezes.
Tempestade- Primeira vez e achou muito interessante, muito bom.	Mathilda- Maravilhoso. Pela opção de lazer, pelas histórias por trás dos filmes e para ouvir a opinião dos outros.	Pantera Negra- Gosta muito. Pela exibição de filme e do diálogo pós filme. Proporciona levar conhecimento para quem não tem tanto acesso.
Minerva- Maravilhoso. O projeto não pode chegar a um fim, ele tem que continuar mais passando nos bairros.	Antônio Biá- Muito importante. Abordar principais problemas dos bairros e debater soluções através de uma forma lúdica.	
Indiana Jones- um momento muito rico de discussão,debate sadio com alto nível de discussão.		